

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

MARCELO MARTINS LAZZARIN

INTOLERÂNCIA CONTRA RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

BELO HORIZONTE

2017

MARCELO MARTINS LAZZARIN

INTOLERÂNCIA CONTRA RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Antropologia, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais.

Profa. Deborah de Magalhães Lima

BELO HORIZONTE

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

Dedico esse trabalho à Rose.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora Deborah de Magalhães Lima por aceitar me orientar nessa pesquisa, por me permitir analisar o banco de dados do Núcleo de Estudos de Populações Quilombolas e Tradicionais e por sempre me apoiar para a realização da etnografia. Agradeço aos professores Edgar Rodrigues Barbosa Neto e Rogério Brittes Wanderley Pires pela troca de ideias e por aceitarem participar da banca. Agradeço às professoras e professores do departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais e aos meus colegas de curso por compartilharem seus conhecimentos e experiências que muito contribuíram para a minha formação. Agradeço ao meu amigo o historiador Rafael Vinícius da Fonseca Pereira por sempre me incentivar a seguir a carreira acadêmica, à Ângela Murakami por sempre me receber com muita atenção e cordialidade. E, por fim, aos meus familiares que acreditaram junto comigo que esse caminho era possível.

“NINGUÉM NASCE ODIANDO OUTRA PESSOA PELA COR DE SUA PELE, POR
SUA ORIGEM OU AINDA POR SUA RELIGIÃO. PARA ODIAR, AS PESSOAS
PRECISAM APRENDER, E SE PODEM APRENDER A ODIAR, ELAS PODEM SER
ENSINADAS A AMAR”

Nelson Mandela

RESUMO

O Brasil é uma nação multicultural, e uma de suas diversidades mais marcantes são as manifestações religiosas presentes em seu território. Visando a garantir o respeito e pluralidade dessas expressões, o Art. 5º Inc. VI da Constituição Federal de 1988 garante a liberdade de crença e de culto e a proteção dos locais e das liturgias religiosas. Esse trabalho buscou entender como o problema da intolerância contra as religiões de matriz africana é acirrado e enfrentado pelo movimento neopentecostal, por praticantes de religiões afro-brasileiras, pelo poder público e nas escolas. Pesquisei a intolerância contra adeptos das religiões de matriz africana e contra terreiros de Candomblé e Umbanda. A pesquisa abrangeu a região metropolitana de Belo Horizonte. Para isso, tive como referência as denúncias de intolerância religiosa encaminhadas, ou não, ao poder público, além da consulta do banco de dados do Núcleo de Estudos sobre Populações Quilombolas e Tradicionais NUQ/UFMG, do Catálogo das Expressões Culturais Afro-Brasileiras de Belo Horizonte, ainda não publicados. A etnografia abrangeu a análise de cultos da Sessão do Descarrego da Igreja Universal do Reino de Deus, conversa com lideranças de terreiros de Candomblé e Umbanda, entrevistas com agentes do poder público e pesquisa com alunos de ensino médio sobre o racismo religioso na escola. Os dados levantados nos permitem perceber que o tema do ódio religioso no Brasil ainda precisa ser enfrentado por toda a sociedade, pois as representações sociais, muitas vezes, se fazem por meio de relações assimétricas, deslegitimam o lugar do “outro”, o colocando em um patamar inferior. A ignorância, o preconceito e a discriminação são noções cuja análise permitirá entender as raízes desse problema.

Palavras-chave: intolerância religiosa; religião; antropologia.

ABSTRACT

Brazil is a multicultural nation, and one of its most striking diversities are the religious manifestations present in its territory. In order to guarantee the respect and plurality of these expressions, Art. 5, Inc. VI of the 1988 Federal Constitution guarantees freedom of belief and worship and protection of religious sites and liturgies. This work sought to understand how the problem of intolerance against religions of African origin is fierce and confronted by the Neo-Pentecostal movement, by practitioners of Afro-Brazilian religions, by public power and in schools. I investigated intolerance against adherents of African-born religions and against Candomblé and Umbanda Terreiros. The research covered the metropolitan area of Belo Horizonte. For that, I had as reference the denunciations of religious intolerance sent or not to the public power, in addition to consulting the database of the Study Group on Quilombola and Traditional Populations NUQ / UFMG, from the Catalog of Afro-Brazilian Cultural Expressions of Belo Horizonte, not yet published. The ethnography covered the cult analysis of the Divine Session of the Universal Church of the Kingdom of God, talks with leaders of Candomblé and Umbanda Terreiros, interviews with public officials and research with high school students about religious racism in school. The collected data allow us to perceive that the theme of religious hatred in Brazil still has to be faced by all of society, since social representations are often made through asymmetrical relations, they delegitimize the place of the "other", placing it in a lower level. Ignorance, prejudice and discrimination are notions whose analysis will allow us to understand the roots of this problem.

Key-words: religious intolerance; religion; anthropology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LEGISLAÇÃO E O PODER PÚBLICO	13
3 CATÁLOGO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS BELO HORIZONTE/NUQ	19
ENTREVISTAS NOS TERREIROS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ	26
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA	37
4 A GUERRA SANTA E A OFENSIVA NEOPENTECOSTAL.....	41
5 RACISMO RELIGIOSO DENTRO DA ESCOLA.....	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
7 BIBLIOGRAFIA.....	70

INTRODUÇÃO

A pergunta que me instigou a propor essa etnografia foi a seguinte: Quem tem direito à cidade? No caso das expressões religiosas afro-brasileiras, elas também têm os mesmos direitos que as outras religiões têm, e são tratadas com igualdade pela sociedade e pelo Estado? Na região onde habito todos os moradores sabem onde estão os terreiros de Umbanda e Candomblé, seja por serem frequentadores dos locais ou por ouvirem de um vizinho sobre a existência desses terreiros no bairro. Entretanto, uma pessoa que passa pela comunidade não saberia que ali estão localizados terreiros de Umbanda ou Candomblé. Essa invisibilidade não acontece com as igrejas católicas e evangélicas, por exemplo. Na rua onde moro tem uma igreja evangélica que exibe uma enorme placa com a descrição de sua doutrina e de seus dias e horários de culto. Por que locais litúrgicos de certas religiões não encontram problemas em aparecer enquanto outras permanecem escondidas, vivendo quase que na clandestinidade num país onde a liberdade de culto é garantida pela constituição? Apesar de não ser praticante de religiões de matriz africana fiquei bastante instigado a realizar essa pesquisa. Aliás, foram muitas as vezes que meus interlocutores me fizeram essa indagação, mas se você não é da Umbanda ou do Candomblé porque se interessou por esse tema? A pergunta que coloquei no começo desse parágrafo virou uma afirmação à medida que realizava o campo e me deparava com esses questionamentos. Todos têm direito à cidade! O que procurei aqui responder é o porquê esse direito muitas vezes não é uma garantia para as expressões culturais religiosas afro-brasileiras. Além disso, uma das formas de romper com o preconceito é produzir conhecimento para ajudar a quebrar a ignorância que muitos têm sobre os fundamentos da Umbanda e do Candomblé.

Essa pesquisa foi dividida em quatro partes. Na primeira parte analiso a legislação que garante a liberdade religiosa no Brasil, as leis contra o racismo, contra a injúria racial e a favor de ações afirmativas, pela valorização das expressões culturais afro-brasileiras e contra todas as formas de preconceito e discriminação. Descrevo ações políticas por um debate amplo a favor da igualdade de direitos, como uma audiência pública realizada na do Estado de Minas Gerais. Analiso dados oficiais do Estado de Minas Gerais sobre casos de racismo e injúria racial que chegam aos órgãos oficiais de investigação e acompanhamento de crimes contra a vida. Falo das dificuldades relatadas por agentes do governo responsáveis por combater crimes como o racismo religioso e da perversidade do Estado que o leva a produzir um apagamento dos crimes de racismo e injúria racial, mesmo após as denúncias desses crimes por parte das vítimas.

Na segunda parte o texto fala sobre a etnografia nos terreiros de Umbanda e Candomblé. O primeiro terreiro ao qual tive contato foi a Casa Ilê Axé Omo Odé Ogbo, um terreiro de Candomblé de nação Ketu da cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte, a partir de uma denúncia de intolerância religiosa feita por um dos filhos dessa casa ao Ministério Público Federal. Feito o contato com o Babalorixá da casa, o senhor Rogério Patrício, tive minha primeira incursão a campo para essa etnografia. Sob a orientação da Deborah de Magalhães Lima, professora titular do programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da UFMG e coordenadora do Núcleo de Estudos em Populações Quilombolas e Tradicionais da UFMG (NUQ), se fez um recorte metodológico e temporal para prosseguir com o levantamento dos dados. A professora Deborah Lima me apresentou o banco de dados do NUQ, fruto de uma pesquisa por ela coordenada, realizado em 2012, para a elaboração do Catálogo das Expressões Culturais Afro-Brasileiras de Belo Horizonte, ainda não publicado. Foram feitas entrevistas com oito expressões culturais de Belo Horizonte, dentre elas com os Povos dos Terreiros. Foram visitados 56 terreiros da capital¹ e feitas várias perguntas ligadas à suas histórias, sua tradição e seu contexto na cidade. Buscando identificar os terreiros que declararam ter enfrentado casos de intolerância religiosa, verifiquei as seguintes perguntas do banco de dados: *a) Como são suas relações com a rua, o bairro e a cidade? b) Tem dificuldade para usar espaço público?* Após a leitura das respostas desses 56 terreiros para essas três perguntas encontrou-se um total de 24 terreiros (43%) que relataram já ter tido problemas em virtude de sua expressão religiosa, como agressões físicas, verbais e simbólicas ou dificuldades de usar espaços públicos para realização de suas liturgias. A proposta seguinte foi a de retornar a alguns desses terreiros para ouvir mais detalhadamente das lideranças como elas lidavam com essas situações de agressões, se esses casos eram reiterados, além de saber quais são suas formas de resistência frente aos ataques.

Destes, planejei conversar com 18 terreiros, dos quais consegui efetivamente ouvir as lideranças de nove terreiros² Descrevo minha participação nas duas principais festas públicas ligadas aos povos de terreiro de Belo Horizonte: A Festa de Iemanjá, na Lagoa da Pampulha e a Festa do Preto Velho, na Praça Treze de Maio, bairro Silveira, além de outros eventos que estarão detalhados no texto. Descrevo também as ações de resistência contra o racismo religioso feito pelos povos de terreiro.

¹ O site www.mapeandoaxe.org.br lista um total de 353 Terreiros na capital.

² Dos outros nove terreiros: em dois estive no endereço, mas não havia ninguém; em um estive no endereço, mas fui informado que o terreiro se mudou para o interior; em três, não foi possível contato telefônico; um não quis participar da pesquisa; dois não puderam participar alegando problemas de saúde.

Na terceira parte analiso a ofensiva neopentecostal contra as religiões de matriz africana na chamada Guerra Santa contra o mal. Optei por assistir cultos da Sessão do Descarrego que acontecem todas as terças feiras na Catedral da Fé, o maior templo da Igreja Universal do Reino de Deus em Minas Gerais. Além de estudar a Sessão do Descarrego, faço uma análise da Mesa da Verdade - que acontece sempre uma hora antes e logo após o fim dos cultos das terças-feiras. Nessa mesa, onde se promete desvendar as verdades sobre os infortúnios das pessoas, Ex-pais e Ex-mães de santo (chamados pelos pastores de Ex-bruxas e Ex-bruxos) dão aconselhamento espiritual às pessoas que procuram descobrir se os seus males são fruto de inveja, feitiçaria ou maldição. Segundo o pastor, como esses Ex-bruxos “já trabalharam na casa dos espíritos servindo o mal” sabem exatamente como lidar com as causas das doenças, com a falta de dinheiro, com as decepções amorosas e com o insucesso. Abordo brevemente a IURD na mídia pelos seus programas da rádio e televisão e pela Folha Universal (jornal de distribuição semanal), canais de comunicação da Igreja com seus fiéis e com todos aqueles que buscam a solução de seus problemas. Fecho essa parte com a fala de um Pastor evangélico da Igreja Batista da Lagoinha a favor do respeito à diversidade religiosa.

Na quarta parte abordo o preconceito religioso na escola pública, instituição que deveria ser laica, mas que muitas vezes não é. Analiso as ações de combate contra todas as formas de discriminação e preconceito como a Lei 10.639/2003 que prevê o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira e do povo negro como formador na nação brasileira nas áreas econômica, social e cultural. Divulgo dados de uma pesquisa realizada com alunos do ensino médio de uma escola de Belo Horizonte sobre suas percepções sobre o preconceito religioso dentro da escola

Por fim, faço minhas considerações finais sobre os resultados e impressões sobre o problema do racismo religioso em todas essas esferas e instâncias pesquisadas.

A LEGISLAÇÃO E O PODER PÚBLICO

O Brasil é uma nação multicultural, e uma de suas diversidades mais marcantes são as manifestações religiosas presentes em seu território. Visando a garantir o respeito e pluralidade dessas expressões, o Art. 5º Inc. VI da Constituição Federal de 1988 garante a liberdade de crença e de culto e a proteção dos locais e das liturgias religiosas. Além disso, o país é signatário de declarações, tratados e acordos internacionais que visam proteção às liberdades religiosas. Uma delas é a Declaração dos Direitos Humanos de 1948 que em seu Art. XVIII diz “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou particular”. É também signatário da Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial de 1965 e da Declaração dos Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais Étnicas Religiosas e Linguísticas de 1992, dentre outras.

Apesar disso ainda ocorrem, com frequência, casos de racismo contra populações historicamente marginalizadas, como a população negra, associados à sua religiosidade. Para combater essa conduta o art. 5º, XLII, da CF diz que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei. Esse artigo foi regulamentado pela Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Essa Lei tipifica como racismo o ato de impedir, negar ou reusar acesso de uma pessoa a um ambiente devido seu tom de pele ou praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. A pena para o crime de racismo é a reclusão de dois a cinco anos. A Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, criou um tipo qualificado de injúria no Código Penal, a injúria racial, por meio da inclusão do parágrafo 3º ao artigo 140 do Código. É considerada injúria racial quando se ofende alguém por sua raça, cor, etnia, religião ou origem. A pena prevista é de um a três anos de reclusão e multa.

As expressões religiosas que os negros trouxeram de África serviram como uma das formas de resistência contra a opressão. As religiões afro-brasileiras além de professarem valores relativos à ancestralidade do povo negro, ainda hoje são formas de resistência contra tentativas de marginalização e apagamento. Ações têm sido tomadas para a proteção das religiões matriz africana no Brasil. A Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial diz no Art. 23 “É inviolável a liberdade de consciência e crença,

sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. A Cartilha da Diversidade Religiosa e Direitos Humanos, publicada pelo governo federal, em 2013, considera intolerância religiosa “ofensa, discriminação, perseguição, ataques, desqualificação e destruição de locais e símbolos sagrados, roupas e objetos ritualísticos, imagens, divindades, hábitos e práticas religiosas (BRASIL, 2013 p. 23)”. Essa cartilha reconhece que as religiões de matriz africana são os principais alvos de ataques e reconhece os terreiros de umbanda e candomblé como “território sagrado, locais de resistência e preservação cultural, guardiães da memória de um povo (idem)”. A Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007 instituiu, desde a data da sua publicação, o dia 21 de janeiro como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, incluído no Calendário Cívico desta nação. Essa data foi escolhida em homenagem à Mãe Gilda, ialorixá do terreiro Axé Abassá de Ogum, em Salvador, vítima de um infarto no ano de 2000 após ver sua foto publicada pela Folha Universal a associando ao mal.

De acordo com o Guia de Orientação das Nações Unidas no Brasil para Denúncias de Discriminação Étnico-Racial, publicado pela Organização das nações Unidas:

O mito da democracia racial, presente no imaginário da população brasileira – baseado na crença de que o Brasil não experimenta o racismo e a discriminação racial observados em outros países, especialmente os Estados Unidos–, tende a naturalizar os espaços subordinados que negros e indígenas ocupam na sociedade e diminui a percepção que temos das relações de poder entre a população branca e negra. A consequência é uma sociedade em que o racismo e as desigualdades sociais dele resultantes não se debatem e parecem não existir. A permanência dessa ideologia é um dos fatores, que dificultam o processamento de crimes raciais. (ONU, 2011 p.1).

O estudo sobre a intolerância contra religiões de matriz africana, como Candomblé e Umbanda, foi motivado por uma denúncia de intolerância feita pela Casa Ilê Axé Omo Odé Igbo, um terreiro de Candomblé localizado na cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte junto ao Ministério Público Federal. Tomamos conhecimento dessa denúncia pela Assessora Jurídica da Procuradoria da República em Minas Gerais, Raquel Portugal Nunes, intermediada pela professora Ana Beatriz Vianna Mendes do departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG. Nessa ocasião a professora Ana Beatriz ministrava a disciplina Antropologia Brasileira II e propôs para a turma pensarmos sobre o direito à cidade como um direito que deveria ser garantido a todos

os cidadãos. Por isso decidi pesquisar sobre a intolerância contra religiões de matriz africana na região metropolitana de Belo Horizonte. As religiões afro-brasileiras são historicamente perseguidas no Brasil e muitos terreiros de umbanda e candomblé são invisibilizados na cidade devido ao racismo religioso que sofrem cotidianamente.

Habermas (2007) afirma que o Estado constitucional moderno deve criar possibilidades para o pluralismo religioso pacífico e com igualdade de direitos. O Brasil é um estado laico e

A liberdade de religião constitui uma prova para a neutralidade do Estado. Frequentemente ela é ameaçada pelo predomínio de uma cultura da maioria que abusa de seu poder de definição, adquirido na história, para determinar, de acordo com suas próprias medidas, o que pode valer (HABERMAS, 2007 p. 295).

Há uma grande diversidade religiosa no país, mas a religião hegemônica tem muito mais espaço dentro da nação e religiões minoritárias têm tido seus direitos cerceados. Por isso

A pluralidade não pode levar a uma segmentação. Ele exige uma integração dos cidadãos e o reconhecimento recíproco de suas pertencas a grupos subculturais. É preciso que os cidadãos (independente da subcultura) se entendam como ‘cidadãos do Estado’ de uma mesma comunidade política (HABERMAS, 2007 p. 300).

Buscando entender se o as instituições do estado brasileiro têm garantido o respeito à pluralidade religiosa e como essas instituições atuam nos casos em que esses direitos são violados, procurei setores do governo que lidam com casos de racismo religioso.

No primeiro semestre de 2015 estive no Núcleo de Atendimento a Vítimas de Crimes Raciais e de Intolerância (NAVCRADI), órgão da Polícia Civil do Estado de Minas Gerais. Procurei este núcleo com o interesse de obter dados sobre denúncias de intolerância contra religiões de matriz africana na região metropolitana de Belo Horizonte. O coordenador do NAVCRADI, o investigador da Polícia Civil senhor Jefferson Rodrigues de Oliveira, me informou que o núcleo foi inaugurado em novembro de 2013. Disse que as denúncias chegam ao NAVCRADI pelos Registros de Eventos de Defesa Social (REDS) emitidos pelas delegacias ou são feitas pessoalmente, por membros das religiões agredidas ou por seus representantes. Ele relatou que as principais religiões que sofrem ataques no estado são as de matriz africana. Perguntei a ele sobre dados quantitativos, mas fui informado que estes números não estavam disponíveis naquele momento. Apesar disso, o senhor Jefferson me

disse que estava em curso no NAVCRADI uma pesquisa que geraria dados sobre casos de injúria racial em Minas Gerais e que eu poderia procura-lo novamente.

Retornei, então, ao NAVCRADI no ano seguinte e o coordenador do Núcleo me inteirou sobre os dados do relatório gerado a partir da pesquisa da qual ele havia se referido. A metodologia dessa pesquisa foi baseada em leituras qualificadas de REDS que poderiam estar vinculados a crimes de racismo ou injuria racial. Foi feito um recorte temporal, e ele se restringiu aos REDS registrados no estado entre 01 de janeiro a 31 de julho de 2015. Procedeu-se dessa forma porque os dados com os quais o estado trabalha para emissão de estatísticas oficiais consideram apenas o campo das tipificações dos crimes. Quem define quais crimes foram cometidos são os policiais responsáveis pelo atendimento da ocorrência. Entretanto, o REDS também possui um campo para o relato textual da ocorrência, que inclui a versão das pessoas envolvidas, sejam vítimas ou autores. O relato da vítima e a tipificação do crime podem não coincidir, gerando um deslocamento entre o crime relatado e o crime registrado.

Atento a essas distorções, o coordenador do NAVCRADI realizou, junto com sua equipe, uma análise qualitativa que localizou 1.521 REDS registrados nesse período de sete meses de 2015. Eles chegaram a esses números porque o sistema da Polícia Civil permite que se façam buscas por registros a partir de palavras chave. Nesse caso foram usadas palavras como macumba, macumbeiro (a), pomba-gira, preto velho, bruxo (a), intolerância religiosa, religião, etc. Destes 1.521 REDS analisados, utilizando esse método de busca por palavras chave, 1.105 casos foram considerados, pela equipe do NAVCRADI, que não houve prática de racismo ou injuria racial. Um critério para esse descarte, por exemplo, é o fato de uma mulher ter sido chamada de bruxa por uma vizinha durante uma discussão que acabou culminando em agressão física. O termo “bruxa” consta no REDS, mas, no entendimento do senhor Jefferson, teria sido citado apenas por uma alusão depreciativa a fatores estéticos da vítima.

Dos 416 casos restantes, se concluiu que em dois houve a prática de racismo e em 414 houve injúria racial por causa da religião. O que esse levantamento concluiu é que todos os 416 casos restantes deveriam ser registrados como racismo (02) ou injúria racial (414). Apesar disso, em 351 REDS houve discrepância entre a tipificação e o relato das vítimas, ou seja, os crimes de racismo e injúria racial estavam explicitados somente no campo do histórico (versão dos envolvidos) e não foram tipificados como tal. Isso quer dizer que em

84,38% desses 416 casos, crimes de racismo e injúria racial (por motivo de religião) foram subnotificados (foram registrados tão somente como crimes de menor potencial ofensivo como agressão, calúnia, perturbação da tranquilidade, ameaça, atrito verbal, vias de fato, etc).

Os crimes de menor potencial ofensivo são encaminhados para o Juizado Especial Criminal que prevê penas alternativas como doação de cestas básicas. O coordenador do NAVCRADI me explicou que crimes de racismo e injúria racial estão, em sua maioria, imbricados em outras tipificações. Apesar disso, todos os crimes de um evento social, sejam eles de maior ou menor gravidade, devem ser registrados pela autoridade policial. Quando acontece mais de uma violação de direitos em qualquer que seja o conflito, o crime mais grave deve ser tipificado primeiro, sem exclusão dos demais. Crimes de racismo e injúria racial são claramente mais graves que crimes de menor potencial ofensivo, mas, como revelou esse levantamento, nem sequer apareceram nas tipificações. Constam apenas no campo do histórico (relato) e não são apreciados pelos agentes públicos. Dessa forma, eles foram simplesmente apagados dos registros oficiais.

Esse erro dos policiais que registram os REDS (principalmente policiais militares) em não registrar crimes de racismo e injúria racial, explica o senhor Jefferson, na maioria dos casos, não é identificado pelos delegados da Polícia Civil, por promotores de justiça ou mesmo por juízes, e acabam sendo julgados somente os crimes de menor potencial ofensivo. Esse quadro pode ser ainda pior.

A mesma pesquisa identificou que em 55 casos (13,22%) houve uma correta correlação entre a tipificação e o histórico da ocorrência. Mas, diferente do crime de racismo que não depende da vítima para virar processo, o crime de injúria racial depende de uma representação – pedido de investigação - da vítima no prazo de até seis meses do conhecimento do fato para que vire processo e seja julgado por um juiz. O senhor Jefferson me disse que geralmente as vítimas não são orientadas pelos agentes de segurança a fazer a representação (que pode ser feita de próprio punho) e acabam perdendo o prazo para tal. Em outras palavras, esses 55 casos, em que houve a correta tipificação, podem deixar de virar processos por falta de representação por parte das pessoas agredidas.

Desses 416 casos analisados pela equipe do NAVCRADI, detalha o senhor Jefferson, 180 ainda não haviam recebido apreciação pela autoridade policial ou estavam aguardando diligências preliminares, 93 estavam esperando representação da vítima (crimes de menor potencial ofensivo também precisam de representação para virar processo), 77 foram julgados

como crimes de menor potencial ofensivo (e foram assinados Termos Circunstanciados de Ocorrência evidenciando o despreparo de delegados, promotores e juizes), 51 viraram inquérito e 15 haviam sido arquivados.

Para verificar essas distorções nos números divulgados pelo estado sobre casos de intolerância religiosa, procurei levantar quais eram os dados oficiais da Polícia Civil para esse crime em Minas Gerais. Fui pessoalmente a Superintendência de Informações e Inteligência Policial (SIIP), localizada na capital. O levantamento dos dados sobre eventos de intolerância religiosa, emitidos pelo SIIP (em agosto de 2017), mostra um total de 46 casos em todo o estado para o período pesquisado. O recorte temporal foi entre 01 de janeiro de 2014 a 31 de julho de 2015 (quatro anos e seis meses). Como muitas políticas públicas são definidas a partir de dados oficiais, poderíamos entender que praticamente não há casos de intolerância religiosa em Minas Gerais.

Com esses dados, podemos ver que os agentes que controlam os instrumentos legais que deveriam servir para o combate às violações dos direitos dos cidadãos acabam contribuindo para a sua permanência.

Em 2017 estive em uma audiência pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, promovida pela Comissão dos Direitos Humanos cuja pauta foi *O acirramento e aumento dos crimes raciais e de intolerância contra a população negra, principalmente no Município de Belo Horizonte e região metropolitana*. Foram convidados membros de diversas instituições de proteção aos direitos humanos. Estiveram presentes representantes da Secretaria Estadual dos Direitos Humanos, um representante do NAVCRADI, um representante da Polícia Militar, uma Promotora Pública, Advogados e a representante da Central de Denúncias contra Violações dos Direitos Humanos em Minas Gerais, além de representantes do Movimento Negro.

Os representantes da sociedade e do Movimento Negro enfatizaram, nessa oportunidade, a truculência de agentes públicos contra os grupos marginalizados e o desencontro entre a legislação brasileira e internacional protetivas dos direitos humanos e seu cotidiano.

Nessa ocasião pude conhecer a responsável pela Central de Denúncias contra Violações dos Direitos Humanos, da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania (SEDPAC), Bárbara Amelize que, posteriormente, me recebeu na Casa dos Direitos Humanos, localizada no centro de Belo Horizonte. Essa Central recebe denúncias de violações vindas de todo o estado e encaminha as demandas para os órgãos competentes.

Pude perceber, pelos dados que me foram apresentados, o abismo existente entre adeptos de religiões de matriz africana que sofrem ataques e os instrumentos protetivos do estado. No intervalo de três meses de 2017, por exemplo, só havia uma denúncia de intolerância religiosa levada até a Casa dos Direitos Humanos.

Na próxima sessão irei apresentar dados que indicam a extensão do preconceito contra religiões de matriz afro na cidade de Belo Horizonte, usando outra fonte de dados, a do Núcleo de Estudos de Populações Quilombolas e Tradicionais da UFMG, sob a instrução da minha orientadora, a professora Deborah de Magalhães Lima.

CATÁLOGO DAS EXPRESSÕES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS BELO HORIZONTE/NUQ

Nessa sessão faço uma análise das entrevistas realizadas pelo NUQ-UFMG (Núcleo de Estudos de Populações Quilombolas e Tradicionais), em 2012, coordenadas pela professora Deborah de Magalhães Lima para a elaboração do Catálogo das Expressões Culturais Afro-brasileiras de Belo Horizonte, ainda não publicado. Esses terreiros estão situados em diversas regiões da capital. Faço uma seleção de nove entrevistas que responderam a duas perguntas sobre a relação com a vizinhança: *Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? Tem dificuldade para usar o espaço público?* Esse conjunto de respostas mostra a situação dos terreiros em 2012. Não consegui retomar a conversa para atualizar a situação desse grupo. A seguir, apresento outro conjunto de terreiros com os quais pude complementar os dados do NUQ com entrevistas por mim realizadas.

O *Centro Espírita São Sebastião*, um terreiro Umbanda do bairro Concórdia, região nordeste da capital, foi um dos terreiros entrevistados pela equipe do NUQ. A liderança, Dona Isabel, também conhecida por Sinhá e Rainha Isabel (Rainha Conga de Minas Gerais), relatou que a chegada de novos vizinhos veio acompanhada de conflitos. Questionada sobre as relações do terreiro com a comunidade ela afirmou que

A relação é normal: às vezes com conflitos, às vezes não. Os conflitos são negociados. A partir do ano 2000, com mudanças na vizinhança, surgiram divergências por parte de pessoas que desconhecem nossa história (Dona Isabel, 2012).

Esse relato revela que a falta de conhecimento da história e tradição do terreiro no bairro por parte dos novos moradores causaram conflitos ligados à intolerância religiosa. O

início da fala de Dona Isabel, falecida em 2015, me parece diplomática, mas ela foi clara ao falar das divergências com os novos moradores da rua. Quando Dona Isabel disse que “a relação é normal: às vezes com conflitos, às vezes não” estaria nessa fala implícita a imagem de que o racismo contra religiões de matriz africana no Brasil é ordinário, ou seja, “é normal” essas expressões religiosas serem perseguidas? Não no sentido de aceitação das perseguições, mas no sentido da profundidade histórica desses atos.

O *Centro de Irradiação Nossa Senhora do Rosário de Fátima*, um terreiro de Umbanda do Bairro Tirol, região do Barreiro por meio da fala de Jairo Ribeiro Lopes, também conhecido por Pai ou Painho, quando perguntado sobre suas relações com a rua, bairro e cidade afirmou que:

Tem o preconceito, mas também há outros que tem respeito por mim. Eu recebo muitas críticas, mas eu tenho bom humor e tenho boa resposta para tudo. Eu acho que tem respeito e muito medo de mim. Tem muito medo da religião. E se é uma coisa que eu não prego é medo. Eu prego respeito, é bem diferente. Medo não. Cada um tem o seu jeito de ver. E a religião, como há a falta de informação de tudo sobre a espiritualidade, tem pessoas que ficam com preconceito. Algumas pessoas do bairro frequentam o nosso terreiro. Às vezes, a pessoa não frequenta a minha casa por medo, do que as outras pessoas vão falar. Todo mundo do bairro conhece o meu terreiro. Mas sempre tem alguém me procurando, por telefone, pedindo opinião, sabem que eu sou uma pessoa equilibrada, uma pessoa direcionada e que nunca dei conselho para derrubar ninguém, para desviar ninguém. Eu tenho uma conduta boa e as pessoas sabem disso. Além disso, tem o estilista por trás de tudo isso, que é também uma referência forte aqui do bairro. Mas tem as críticas e convites para ir para outra religião, porque eles acham que eu estou perdendo o meu tempo dentro do afro e que em outra religião eu seria mais bem aproveitado. Então, tem as críticas, mas não chegam a desrespeitar a minha pessoa, não colocam em dúvida a minha questão espiritual. Eles não mexem comigo, até porque eles têm medo de mim. Eles acham que se eu ficar irado eu posso fazer um monte de coisa que é da cabeça deles (Painho, 2012).

Nessa fala podemos perceber que aparece uma das principais causas de repulsa contra as religiões de matriz africana, o medo de elas fazerem o mal contra as pessoas. Aparece também a ideia do proselitismo cristão quando o Painho fala que “eles acham que eu estou perdendo o meu tempo dentro do afro”.

No primeiro momento Painho não identifica quais seriam essas religiões o que tornaria minha conclusão precipitada. Mas quando perguntado se tinha dificuldade para usar o espaço público e quais seriam elas ele diz que

Sim. Porque tem certo preconceito. Os evangélicos não tem respeito. Eles chegam, invadem e nos agridem mesmo, fisicamente e verbalmente. Nós temos que ter muita cautela e segurar mesmo. Mas a gente chega lá e faz a nossa atividade (Painho, 2012).

Nessa resposta Painho além de agora identificar de onde vem o desrespeito, ele relata casos de agressões físicas e verbais, mas nos mostra que povo de terreiro também sabe resistir.

O terreiro de Candomblé e Umbanda *Jeje Mahim / Eué Fon Rupami Geleci* se mudou para o interior, de acordo com a informação dada por um familiar da liderança da Casa, Ronie Pereira também conhecido por Dofono de Oyá. Não fui informado os motivos da saída do terreiro da cidade, mas podemos concluir que as relações com a comunidade não eram boas, pois de acordo com a fala da liderança

Na minha rua sofremos muito e no bairro também. Temos vizinhos que chegam a jogar pedra na porta quando fazemos sessão. São muitos os evangélicos vizinhos e não vizinhos que nos excomungam. Se não for religião de branco não presta. Na cidade vejo muita discriminação (Dofono de Oyá, 2012).

O Dofono de Oyá relata agressões físicas sofridas pelo terreiro. E nessa fala aparece a questão racial “se não for religião de branco não presta”. Sabemos que muitos terreiros de umbanda e candomblé são hoje frequentados por pessoas de todos os tons de pele, inclusive há muitas ialorixás e muitos babalorixás que são brancos. Mas se olharmos para essa afirmação com mais refinamento podemos entender o que o Ronie queria dizer. Ele diz “religião de branco”, não “religião para o branco”. Religião de branco, no contexto brasileiro, é a religião cristã trazida e imposta pelo europeu colonizador. As religiões vindas com as pessoas desterradas da África, e ressignificadas no Brasil, surgiram em regiões habitadas pelos povos negros.

Perguntado sobre quais seriam os problemas enfrentados pelo terreiro, Ronie fala novamente sobre seus vizinhos

Os vizinhos são um problema, como disse a relação é bastante difícil por causa da intolerância e do preconceito. E temos o problema do telhado que precisa de reparos (Dofono de Oyá, 2012).

O terreiro Candomblé de nação Jeje Kwê Vodum Azam Tobossi e *Associação Beneficente Centro Espírita Ogum Iara*, localizada no bairro Nova Cintra, fala das mudanças depois da chegada de igrejas evangélicas. Sua liderança Fabiana Maciel, também conhecida como Doné Dofona de Aziri Tobosse fala das relações do terreiro com a rua e o bairro

Ah é muito difícil! Aqui antes fazíamos as festas, as coisas que têm que ser feitas e as pessoas não ficavam insultando, nem chamando de macumbeiro, sabe? Havia um respeito com a casa e com as pessoas daqui, mas depois que abriram 3 igrejas de crente aqui perto a coisa mudou. Na hora de chamar de macumbeiro, de xingar e de dar ajuda a quem necessita é aqui, na hora de ter lucro é lá. Por outro lado, a convivência daqui com as pessoas da comunidade é boa. No natal a gente distribui cesta básica para as pessoas carentes, damos brinquedos para as crianças no dia das crianças e muita gente bate aqui precisando de ajuda. As igrejas pioraram muito as coisas (Doné Dofona de Aziri Tobosse, 2012).

Vemos aqui que houve um relato de um processo de silenciamento do terreiro com a chegada das igrejas evangélicas, pois “antes fazíamos as festas”. Destaco também a ação social desse terreiro pela distribuição de cestas básicas e brinquedos para pessoas carentes. O papel dos terreiros como parceiros do governo federal na segurança alimentar foi um dos temas destacados na Conferência dos Povos e Comunidades tradicionais de Matriz Africana, realizado na Câmara Municipal de Belo Horizonte, da qual participei.

A *Casa Roça Branca Terreiro de Candomblé*, da nação Banto Angola liderado pelo senhor Marco Antônio Pimenta de Carvalho está localizada no bairro Floramar, região nordeste de Belo Horizonte. Sobre as relações com a vizinhança ele diz

Quando eu vim para aqui e montei essa casa com o intuito de reinaugar a Roça Branca, levei, para isso, toda documentação da roça e o registro dos vizinhos. E eles sinceramente, até hoje, são vizinhos tranquilos, mas eles tiveram filhos e netos. Tudo passa né? Antigamente a relação era melhor. Hoje, eu já tenho problema por aqui com os evangélicos. Em relação à cidade, eu sou muito conhecido, pode falar “Marco Antônio” em qualquer loja de macumba que as pessoas me conhecem, não sei por quê. A única loja que eu vou de vez em quando é a

do David, uma pessoa que gosto muito. Sou mais conhecido do que conheço, por isso já conversei com muita gente sem saber quem era dando benza e tratando bem, mas sem saber quem era direito e de onde eu conhecia aquela pessoa (Marco Antônio, 2012).

O senhor Marco Antônio mostra que houve preocupação em registrar o terreiro e relata conflitos com as novas gerações e com as igrejas evangélicas. Sobre as dificuldades para usar o espaço público ele afirma

Hoje acho que não tem muitos problemas. Comparando com as coisas que enfrentávamos antigamente, não tem não. Antes a polícia prendia apenas por sermos pais de santo, ou simplesmente porque alguém era preto. Falavam que éramos macumbeiros e nos taxavam da pior espécie possível de gente. Por ai você vê como eu sofri. Não é esse candomblé de cortina de hoje não. Caso você fosse fazer uma passeata, com certeza a polícia apareceria. Estou falando porque já aconteceu comigo e com Nelson Mateus. Já dormimos na cadeia (Marco Antônio, 2012).

O racismo e a repressão policial, no passado, contra as religiões de matriz africana aparecem como mais um elemento dessa complexa teia de relações. Sobre os problemas enfrentados pelo terreiro ele completa

Hoje aqui na casa, nós enfrentamos um problema com evangélicos que nós não tínhamos antes. Vizinhos dessas igrejas jogam pedras e benzem as portas da casa. Quando eu vejo, eu chamo a atenção. Antigamente a questão era com a intervenção da polícia na casa, problema que não temos mais. Em compensação, essas igrejas novas atrapalham (Marco Antônio, 2012).

O senhor Marco Antônio fala que não há mais a intervenção da polícia dentro do terreiro e que agora os problemas vêm dos evangélicos. Essa relação entre o aumento das igrejas neopentecostais e o acirramento do ódio religioso aparece na maioria das pesquisas sobre esse tema.

O Centro Afro brasileiro *Nzo Atim Oiá Oderin Atim Katispera*, uma casa de Candomblé, Umbanda e Congado (Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário) da Nação Angola Mochikongo na voz de sua liderança, Sidney Alves Moreira, o Odé Cidogy levanta uma questão que gera polêmica. Muitos não classificam as manifestações religiosas afro-brasileiras como religião

Preconceito. Existe um preconceito contra os nossos modos e festas. Nós somos uma religião, mas não somos considerados como religião. Às vezes os filhos não podem ir de branco ao

trabalho, ao colégio, pois são discriminados. Às vezes não podemos andar nas ruas caracterizados (Odé Cidogy, 2012).

Considero que essa fala contém duas das questões mais sensíveis para adeptos das religiões afro-brasileiras. Primeiro, a não consideração das religiões de matriz africana como religião, ou seja, o desrespeito com as noções de sagrado dos adeptos da umbanda e candomblé, por exemplo. Um caso que ganhou repercussão nacional foi a decisão de um juiz da Justiça Federal do Rio de Janeiro que negou a retirada de vídeos ofensivos contra a Umbanda e o Candomblé da internet³. E segundo, a coibição do uso de roupas brancas e símbolos das religiões afro-brasileiras, como os colares de conta, em locais públicos como a rua, o ambiente escolar e o trabalho.

Um relato pessoal de um umbandista exemplifica essa discriminação. Esse rapaz me contou que ele e sua esposa estavam entregando suas oferendas na Praça de Iemanjá, na Lagoa da Pampulha, ambos vestidos de branco e usando seus colares de contas quando os dois, repentinamente, começaram a ser apedrejados por um grupo de pessoas. “Quem nos ajudou foram uns seguranças de um estabelecimento próximo. Hoje eu não saio mais de branco nem com meus colares no pescoço. Se tiver que usar em algum lugar, carrego dentro da minha bolsa e me troco no lá”. Outro caso que também ganhou repercussão nacional foi o da garota Kaylane, uma criança de apenas 11 anos de idade à época, na cidade do Rio de Janeiro, que foi apedrejada na cabeça quando voltava para casa com sua avó após uma sessão do candomblé⁴. Infelizmente esse tipo de agressão acaba por inibir o uso de símbolos pelos filhos e filhas de santo em locais públicos.

O Templo Umbandista Pai José de Moçambique é um terreiro de Umbanda Linha Branca que fica no bairro Boa Vista região nordeste de Belo Horizonte. Dona Nair dos Anjos de Moraes ou Dona Nenzinha como também é conhecida relatou dificuldade de usar o espaço público

Não existem espaços públicos para serem usados pelas religiões afrodescendentes. Existe muito preconceito ainda, tem gente que acha que é coisa do mal, macumba. Mas como a minha saúde não está boa, nós também não realizamos atividades fora do terreiro (Dona Nenzinha, 2012).

³ Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/2014/05/17/para-justica-federal-umbanda-e-candomble-nao-sao-religoes/>. Acesso em 21 de janeiro de 2017.

⁴ Disponível em <https://www.geledes.org.br/menina-e-apedrejada-na-saida-de-culto-de-candomble-no-rio/>. Acesso em 13 de maio de 2017.

A *Casa Ilê Ojô Obá Kaô* é da nação da nação ketu é “metade candomblé, metade umbanda” conforme informação da liderança do terreiro Noezi Ferreira de Oliveira, também conhecida como Kaô Kabeci Ebomi de Xangô, ou Kaô Babasilé “O nome significa “Xangô, pai dos pobres e humilhados. Eu sou aquela que protege os humildes e humilhados”. Sobre os problemas ela fala que

A gente enfrenta muito a perseguição religiosa. A discriminação, a perseguição, a gente enfrenta demais. Quando eu faço parte desses movimentos eu tento combater isso. A minha finalidade é combater isso, é mostrar que não tem demônio... Na natureza existe o positivo e o negativo: tem que ter o equilíbrio (Kaô Babasilé, 2012).

A casa *Ilê Axé Babá Byyomin*, terreiro de Candomblé Ketu fica na região nordeste. O entrevistado, o senhor Reinaldo Luís Silva, o Babazinho fala dos problemas que enfrenta por ser babalorixá de um terreiro candomblé

O principal problema que eu acho é a discriminação. Tem muito preconceito e a religião é muito discriminada. Não por vizinhos, que aqui eu não tenho problema com isso não, mas você vê que tem, até mesmo de alguns vizinhos também, mas não falam nada com a gente não. Eu acho que o candomblé poderia ser mais aceito. Eles taxam o candomblé como religião de “viado”, prostituta. Infelizmente é a verdade, eles taxam o candomblé assim, até porque não conhecem a religião. E também por ignorância. Eu acho que a gente só não conhece aquilo que a gente não quer conhecer, e não tem nem a necessidade da pessoa vir aqui para conhecer. Igual esse negócio que vocês estão fazendo, isso aí é uma coisa que eles podem procurar para saber o que é a religião e não ficar discriminando. Eu acho que aí já é ignorância e burrice das pessoas mesmo. Para você ver que há preconceito em tudo: eles não acreditam que Deus possa ser negro, pois nós acreditamos que Deus é negro. Pois o primeiro ser a ser criado na Terra foi o negro. Até na história já se sabe que a África é o continente mais antigo, de história mais antiga, onde existiu vida primeiro (Babazinho, 2012).

Além de relatar as discriminações sofridas pelo povo de terreiro e considerar a falta de conhecimento como um dos motivadores do preconceito, Babazinho faz uma reflexão sobre a relutância das pessoas em considerar que o Deus cristão possa ser negro “Pois o primeiro ser a ser criado na Terra foi o negro”. As representações cristãs sobre Jesus Cristo (afinal o Pai, o filho e o Espírito Santo são um só na doutrina cristã) são de um homem branco. E como Deus

criou o homem à sua imagem e semelhança (Gênesis 1: 26-28) Babazinho tem uma forte argumentação, baseada na ciência e no na bíblia, para sustentar seu ponto de vista.

ENTREVISTAS NOS TERREIROS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ

Os terreiros analisados nessa parte também participaram da pesquisa da equipe do NUQ em 2012 e neles consegui realizar novas entrevistas na minha ida a campo. Analiso aqui depoimentos de ialorixás e babalorixás tanto de 2012 quanto o que eles me disseram em nossas conversas em 2016 e 2017.

O a primeira casa que realizo tais análises é o *Templo Umbandista Pai Joaquim de Aruanda*, um terreiro de Umbanda Linha Branca, Linha de Cura que está localizado na região nordeste de Belo Horizonte. Sua liderança Maria Nilce Lopes Cardoso, a Mãe Nilce me recebeu com muita atenção. Aliás, essa foi a maneira pela qual fui recebido em todos os terreiros em que tive a oportunidade de visitar. Inclusive nas festas públicas que participei sempre fui tratado com muita cordialidade e atenção, tanto pelas lideranças dos terreiros quanto pelas filhas e filhos de santo. Minha proposta aqui é de apresentar as falas das lideranças dos dois momentos para em seguida fazer minhas reflexões.

Vamos então ao que relatou Mãe Nilce

NUQ: Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? (Mãe Nilce, 2012) A minha rua é “coalhada” de crentes, e muitos já foram “mãe-pequena”, “babá de Terreiro”, que é quem fica acendendo os cachimbos, mas se cansaram disso tudo. Logo quando eu mudei para cá fizeram um abaixo-assinado para tirar o Terreiro daqui, porque diziam que “ia trazer muita gente”, que “ia fazer muito barulho”, já teve até denúncia falsa de que eu tinha rinha de galo aqui e que tinha um “pássaro de bico amarelo”. Mas eu sou registrada na Federação, e no livro tem falando tudo o que eu posso fazer aqui. A relação é normal: eles sabem que eu existo, porque eles descobriram, passaram a entender que eu não vim fazer o mal, que a minha Umbanda é boa.

NUQ: Tem dificuldade para usar o espaço público? O mundo ainda não aceita essas coisas. Só podemos usar o espaço público nas festas, fora disso, não tem não! “É macumbeiro, é separado” (Mãe Nilce, 2012).

Marcelo: O que a senhora poderia dizer sobre problemas motivados por intolerância religiosa? Mãe Nilce (2016): Minha casa é alugada. Já ouvi muitos “não” quando dizia para o proprietário que além de moradia o espaço iria ser usado para o Terreiro. Falavam que não

queriam coisa do mal. Muitas pessoas já me ofereceram dinheiro para fazer o mal, mas não faço. Já me ofereceram de sete mil a 12 mil reais, mas não quis. Durmo com consciência tranquila

Perguntei sobre presença dos evangélicos nas festas públicas. Naquele momento estava circulando um vídeo na internet de um pastor evangélico declarando que ele e mais 20 jovens haviam ido pregar para as pessoas na Festa do Preto Velho⁵.

O terreiro todo ano vai às festas de Iemanjá e do Preto Velho. Em todas as festas vão evangélicos para pregar para o povo de terreiro. Os pastores vêm de mansinho, a coisa é discreta (Mãe Nilce, 2016).

Mãe Nilce trata na primeira parte da fala sobre o trânsito religioso movido pela conversão de adeptos de religiões de matriz africana para as igrejas evangélicas. A falta de um espaço próprio para o terreiro e a busca por uma propriedade para alugar esbarrou em resistências por parte dos proprietários, além de não aceitação inicial por parte dos novos vizinhos. Ela fala que “o mundo ainda não aceita essas coisas”, ou seja, as expressões religiosas afro-brasileiras, por ainda haver muito preconceito.

Visitei o Terreiro de Candomblé Nação Ketu (Alaketu) a *Casa Ilê Wopo Olojukan* e conversei com o Babalorixá o senhor Sidney Ferreira da Silva e também com seus filhos de santo. Esse terreiro está localizado em um bairro da região norte de Belo Horizonte. Ele ocupa um grande terreno e tem vários quartos de Santo. Foi o maior Terreiro que visitei durante a etnografia.

NUQ: Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? A relação com a comunidade é uma relação respeitosa e política sem muito entrosamento, uma vez que as pessoas têm preconceito e discriminação com as religiões de matriz africana, ainda mais por ser um terreiro de candomblé, onde as pessoas imaginam se tratar de um culto de magia negra (Sidney di Oxóssi, 2012).

NUQ: Tem dificuldade para usar o espaço público? . Sidney: Devido ao preconceito não temos locais para fazer o que tem de fazer em lagoas (presente de Osun e Iemanjá), cachoeiras e mato (Sidney di Oxóssi, 2012).

⁵ Disponível em <https://www.geledes.org.br/pastor-de-mg-coleciona-acusacoes-de-intolerancia-e-apologia-a-violencia/> D Acesso em 20 de novembro de 2016.

Marcelo: O senhor poderia falar um pouco mais. Sidney (2016): Desejamos ser respeitados, não tolerados. Faço parte da Comissão dos direitos humanos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Meus filhos já sofreram discriminação em um comércio próximo ao terreiro por estarem com roupas brancas. Uma corretora de imóveis já entregou cartões convidando meus filhos de santo a irem à igreja evangélica. Eles querem atacar o candomblé, nossa religião. Mas a Umbanda não é religião. Você deveria incluir um capítulo de sua monografia para discutir isso. Muitos de nós não consideramos a Umbanda como uma religião.

Nesse dia tive o privilégio de participar da comemoração dos 30 anos de Santo do Sidney di Oxóssi. Sidney é filósofo, escreveu sobre o Candomblé no seu trabalho de conclusão de curso. Falou-me um pouco sobre os fundamentos do Candomblé. Ele considera de suma importância o pesquisador aprender sobre a religião. Na semana seguinte após essa entrevista, ele ministrou uma aula sobre o Candomblé na Escola de Música da UFMG, onde um de seus filhos de santo faz seu doutorado. Ele foi um dos primeiros Babalorixás a me falar sobre a necessidade de respeito, não de tolerância. No momento que escrevo esse texto penso que isso já é um consenso entre o povo de santo. Aqui aparece uma questão delicada que envolve o Candomblé e a Umbanda. Há pessoas do candomblé que deslegitimam o lugar da umbanda como uma “autêntica” religião de matriz africana, porque na fala delas “o Candomblé tem origem na África, a Umbanda é brasileira”. Passam uma noção essencialista como legitimadora da religião.

Todas as entrevistas foram ricas e transformadoras, mas uma das que mais me impactou aconteceu no *Centro Espírita Umbanda Pai Mateus de Angola*, um Terreiro de Umbanda da região do Barreiro. A entrevistada foi Ivanildo Cassimiro de Sá, conhecida como Ivani. Na Umbanda, conhecida como Babalaô.

NUQ: Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? São relações de hostilidades. Os vizinhos não aceitam de jeito nenhum, principalmente os evangélicos. Aqui perto tem muitas igrejas evangélicas. Eu quero te dizer que depois do evangelismo, o espiritismo está acabado. O evangelismo critica muito o espiritismo. A grande perseguição é dos evangélicos. Quanto aos vizinhos, eu não tenho amizade com eles, por causa da visão preconceituosa que eles têm sobre o terreiro e comigo, pelo fato de eu ser homossexual (Ivani, 2012).

No dia da entrevista cheguei antes do início da Sessão e conversei sobre a pesquisa com a Ivani. Então ela me disse

Como podemos ser do mal se a nossa religião também é de cura? Isso pra mim não é religião, mas terapia. Vou às festas do Preto Velho e Iemanjá todo ano. Sempre têm evangélicos pregando para as pessoas. Uma vez falei para uma crente: O que a senhora quer aqui? Aqui só tem povo de terreiro. Às vezes se rouba um carro e as pessoas falam que foi culpa do diabo. Os infortúnios da vida são, na maior parte, culpa das pessoas e de suas atitudes. Aqui na nossa rua tem uma escola. Muitos alunos passam em frente ao terreiro e falam que aqui é lugar de macumba. Muitas vezes o preconceito se aprende em casa, se as mães ensinam os filhos a serem preconceituosos, então qual é o papel da escola para quebrar esse preconceito? (Ivani, 2016).

Aparece claramente na fala de Ivani atitudes relacionadas à Guerra Santa praticada pelas igrejas neopentecostais. Ela também cita que sua orientação sexual é outro motivador das agressões. Em todos os contatos que tive com o povo de santo percebi que todas as pessoas eram tratadas de igual maneira, independente de sua orientação sexual. A fala da Ivani sobre o papel da escola para quebrar o preconceito pelo ensino foi um dos momentos mais impactantes dessa etnografia. O questionamento de Ivani foi um grande motivador para a escrita da quarta parte desse trabalho. Posteriormente, assisti à sessão de Umbanda. A primeira parte foi dedicada aos Pretos Velhos. Durante a sessão estive diante do Pai Mateus de Angola e tomei sua benção. Num segundo momento ocorreu a Sessão para os Exus. Mais uma vez estive frente a uma entidade, dessa vez a interlocução foi com o Exu Sete Saias. Essa experiência foi bastante impactante para mim. Uma situação que nunca havia acontecido até então, ou seja, conversar diretamente com entidades das religiões afro-brasileiras sobre a pesquisa que estava realizando. Recordo-me que o Exu Sete Saias olhou para mim e disse: Agora sua entrevista será comigo!

As expressões religiosas de matriz africana, por meio de seus rituais, suas músicas, festas, seus símbolos e seu povo são das coisas mais belas que tive contato nessa etnografia. Uma das Sessões em que fiquei mais admirado aconteceu no *Centro Espírita Pai Jobino da Bahia*, um Terreiro de Umbanda Kardecista Linha Branca do bairro Maria Goretti. Conversei com as duas lideranças da casa, Rosane Benedita Pereira de Melo Eduardo Antônio de Melo e participei da Sessão que aconteceu após a entrevista.

NUQ: Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? Rosana e Eduardo (2012): Há alguns anos o Centro contava com uma relação mais próxima com os moradores do bairro, que frequentavam as festas e reuniões. No entanto, com a explosão de igrejas neopentecostais, muitos se converteram e a participação reduziu. Constantemente vizinhos batem na porta de

Rosane e Eduardo convidando para ir ao culto em suas igrejas. Rosane fala que o tratamento é respeitoso. Somos conhecidos e respeitados na rua, no bairro e também em outros locais, como no bairro Pompéia e Horto.

Rosana e Eduardo (2016): Não fazemos o mal. Respeitamos o horário quando há sessões aqui no terreiro. Todos deveriam respeitar a religião do outro. Esse Terreiro era da minha mãe, disse Rosana, e quero continuar com essa tradição enquanto eu puder. Não preocupamos em ter um Terreiro cheio de pessoas como procuram fazer as igrejas evangélicas, afirma Eduardo. As portas da casa sempre estão abertas na hora das sessões. Quem quiser pode entrar. Hoje é nossa festa do Preto Velho, você está convidado para participar.

Aqui aparece mais uma vez o trânsito religioso para as igrejas evangélicas. Em alguns aspectos, que não foram aqui reproduzidos, repetiram a fala de quatro anos antes da segunda entrevista. Participei a Sessão nessa oportunidade foi destinada à Festa do Preto Velho. Inclusive conversei com o Preto Velho (minha segunda experiência com uma entidade). Disse-me que eu também sou um médium, pois procuro levar o conhecimento para combater a intolerância, então recebi sua bênção.

A relação entre as expressões religiosas afro-brasileiras e o preconceito no ambiente escolar aparece na fala da Mãe Neneide Ialorixá do terreiro Candomblé Jeje Nagô Vodum *Ilê de Ode*. Mãe Neneide afirma que ainda sofre discriminação por causa da religião, principalmente pelos evangélicos. Ela diz que nunca sofreu agressões físicas, mas sua mãe sofreu muito na época da ditadura. Seus três filhos biológicos são membros do terreiro.

Mãe Neneide (2012): Minha casa sofre muitas discriminações por parte dos meus vizinhos. Ainda existe muita discriminação na cidade. Aqui perto existem alguns evangélicos que colocam som alto quando estou com sessão e às vezes aprontam na porta da minha casa muita barulheira.

Mãe Neneide (2016): Na ditadura a polícia entrava e pedia documentos de todo mundo. As festas terminavam às 22hs. Somos registrados e temos autorização para funcionar. Quando jogamos farinha no passeio, as pessoas xingam falam que é coisa do mal. No aniversário dos meus netos não faço festa aqui no terreiro para evitar que eles sofram discriminação dos colegas na escola. Eu alugo salão de festas para comemorar o aniversário deles mesmo tendo espaço aqui em casa. Eu gostaria de fazer procissão de um santo aqui nas ruas do bairro, mas tenho receio de sofrermos agressões. Os católicos fazem procissões e não têm nenhum problema. Uma filha de santo faz curso de Direito em uma faculdade particular de Belo Horizonte e ela vende coxinhas na faculdade para ajudar a pagar a mensalidade. Uma vez uma

colega de curso a viu saindo de uma loja de umbanda e contou para os demais. Depois disso muitas pessoas não compraram as coxinhas dela. Hoje ela tem dificuldades para pagar a mensalidade.

Os atos de preconceito religioso na escola aparecem aqui tanto na educação básica, onde estudam os netos da Mãe Neneide, quanto no ensino superior, na faculdade de uma filha de santo. A liberdade religiosa e o preconceito religioso em ambiente escolar serão tratados, como dito anteriormente, na quarta parte de trabalho.

O Pai Leonardo do Terreiro de Candomblé Ketu *Ilê Axé Ibó Ode* fala da necessidade de ter segurança privada na rua (um espaço público onde o Estado deveria garantir a segurança de todos) para poder realizar suas festas. Relatos de agressões verbais também surgiram nessa entrevista

Pai Leonardo (2012): As relações com minha rua já foram melhores. Antigamente eu realizava festa para tranca-ruas na rua e hoje não posso mais. Preciso contratar seguranças para que tudo corra bem. Hoje vem muito funkeiro atrapalhar as coisas. Na cidade percebo ainda muita discriminação com nossa religião. Existe muita discriminação na hora em que estamos realizando algum trabalho nas matas e existem pessoas por perto.

Pai Leonardo (2017): É preciso ter mais união entre os candomblecistas. Discordo da expressão intolerância religiosa, prefiro entender como ódio religioso. Ninguém é obrigado a nos tolerar, queremos ser respeitados. Uma vez estava eu e outro filho da casa entregando uma obrigação na mata e um grupo de pessoas começou a nos ofender dizendo ‘Sai em nome de Jesus’ ‘Tá amarrado’ ‘Queima ele’ Eu não ligo. Terminei minha obrigação e fui embora. Hoje também tem terreio em toda esquina. Antes não era assim não. Leva-se tempo para ser babalorixá ou balirixá e nem todos chegam a essa condição. Muitos filhos mesmo iniciados continuam na casa. Há uma falta de critério e isso prejudica os candomblecistas.

Da mesma forma que foi feito esse comentário, foram muitas falas que criticaram o charlatanismo. Essa “falta de critério”, segundo algumas lideranças, propicia a atuação de pessoas que não são babalorixás e ialorixás e se passam como tais. Mas em nenhum momento os interlocutores nomearam essas pessoas, e essa não era a intenção dessa pesquisa. Reforço que isso foi apontado como um dos fatores que contribuem para a intolerância religiosa. Como por exemplo, pessoas que fazem “oferendas” fora dos preceitos do Candomblé em lugares “inapropriados” na visão das lideranças entrevistadas.

O *Centro Espírita São Sebastião* é um Terreiro de Candomblé e Umbanda de Nação Angola, da raiz Goméia tradicional de Belo Horizonte. Antes mesmo de visitar o Terreiro, tive o prazer de conhecer o Guaraci Maximiano dos Santos, o Tatetu Yalênim na ocasião da V Semana de Antropologia e Arqueologia da UFMG e de reencontrá-lo na Festa de Iemanjá na Lagoa da Pampulha. Posteriormente, fui ao Terreiro São Sebastião e, além de realizar a entrevista com o Guaraci, participei de uma Festa de Feitura de Santo de dois filhos da Casa.

NUQ: Como são as relações com a rua, o bairro e a cidade? Guaraci (2012): O desrespeito e a intolerância religiosa. A intolerância é o fator crucial de inibição da prática, seja ela qual for. Se houvesse uma respeitabilidade e uma conscientização, haveria um espaço mais sadio e a casa poderia eventualmente desenvolver trabalhos em espaços públicos.

NUQ: Quais são os problemas? Guaraci (2012): Intolerância e o desrespeito às práticas religiosas e populares, principalmente por parte dos vizinhos, embora não possamos generalizar. Estamos em um bairro que está passando por uma transformação muito grande, uma verticalização. Eu tenho hoje no meu quarteirão três pessoas da época da fundação dessa casa. Só tenho vizinhos novos. E a intolerância é uma coisa pontual e rigorosa. Tem um prédio de padrão alto do lado da minha casa onde eu tenho problemas com o vizinho, não com o condomínio. Então as dificuldades existem? Como em vários outros terreiros. Aqui está mais na evidência por causa da localização. A localização aqui nesse sentido ficou muito desfavorável. E isso não está vinculado à questão socioeconômica não. É preconceito mesmo. Hoje quem dirige a casa é uma pessoa branca de nível superior. Você imagina se fosse um negro sem instrução. A pressão que eu vivo não é menor, é o mesmo tanto. Só que eu suporto muito mais, porque eu tenho o recurso simbólico. E aí eu garanto alguma coisa, eu garanto até um puxão da casa sete dias por semana, porque eu dou conta de responder por ela. Deus é providencial.

Marcelo: Você poderia falar sobre a intolerância religiosa? Guaraci (2017): A intolerância religiosa não é uma questão recente. Infelizmente convivemos com práticas de intolerância há décadas, praticamente desde a fundação do terreiro. Antes a intolerância era velada, hoje está mais clara. No passado tinha igreja evangélica que ligava o alto falante na hora das nossas sessões. Hoje não há tanta preocupação em esconder. Antigamente as pessoas diziam ‘Aquele é o macumbeiro do bairro’. Hoje falam ‘Olha lá o filho do diabo’. Temos visto ataques contra terreiros como o caso de Santa Luzia (ele se refere às perseguições sofridas pelo Terreiro do Quilombo de Manzo) onde o Ministério Público estipulou dias e horários das sessões, permitindo apenas o som de um atabaque. Eu estive na caminhada que teve em Santa Luzia a

favor do respeito à diversidade religiosa. O CENARAB tem buscado parcerias com as instituições e poder público para atuar como instrumento de resistência contra a intolerância religiosa.

Há uma questão que vai além da religião: é a questão do humano. Há um clima de intolerância na nossa sociedade com o diferente. Uma pobreza espiritual gerada por ignorância e falta de conhecimento. Muitas pessoas não preocupam em pesquisar, buscar conhecer sobre algo antes de dar opinião. Atualmente estão colocando óleo no portão do Terreiro, geralmente depois das sessões. Por que isso? Com qual objetivo? O que querem com isso? Não sabemos quem está fazendo isso. Inclusive existem outros Terreiros no bairro e vou procurar saber se isso está acontecendo com eles também. Precisamos nos posicionar contra isso, porque senão o que farão em seguida?

Temos visto, por exemplo, muitos Terreiros serem queimados. Se alguém coloca fogo aqui as chamas podem se alastrar, pois temos muitas plantas e folhas no Terreiro. As estruturas físicas de um Terreiro não são as mesmas de uma igreja. Além do mais, não vemos notícias de colocarem fogo em igrejas. Por que será? Há uma questão patrimonial e financeira. Estamos em um bairro de classe média e existe uma especulação financeira em relação aos terrenos. Nós respeitamos a todos, nossas sessões são em horários diurnos, mesmo assim sofremos com a intolerância. Dizer que ataques aos Terreiros acontecem porque eles não respeitam horário não se sustenta mais.

Além do óleo no portão alguém colocou no poste do outro lado da rua uma lixeirinha com plástico para as pessoas recolherem as fezes dos animais. Colocá-la aqui em frente é coincidência? Foi premeditado? Um vizinho de um prédio ao lado do Terreiro já chegou a jogar água aqui na hora das sessões. Percebo que ele ainda não nos aceita.

Há um mercado religioso que as igrejas evangélicas procuram alcançar. O bispo Edir Macedo tem esse projeto, alcançar o máximo de espaços possíveis. Recentemente um Terreiro foi fechado no Rio de Janeiro. A eleição do Marcelo Crivella não foi boa. Tem muitos políticos que em suas falas acabam por incentivar o ódio e a intolerância. Essas pessoas não podem chegar ao poder. É muito importante a população escolher bem nas pessoas que irão votar.

As escolas e as universidades têm muito a contribuir para combater a intolerância religiosa. Essa pesquisa pode somar não somente para o nosso Terreiro, mas para outros também. Os pesquisadores que vêm aqui no Terreiro voltam com uma cópia de seus trabalhos, alguns inclusive conversam conosco sobre a pesquisa. Isso é importante para nós, ter esse retorno da universidade. Eu também sou pesquisador de Ciências da Religião, faço parte do grupo de pesquisa Religião, Pluralismo e Diálogo (Repludi), do Programa de Pós-graduação em

Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e sei da importância dessa parceria entre a universidade e os Terreiros. O Brasil é muito diverso, não podemos ceder às pressões de nos silenciar, temos que nos posicionar, não ter receio em falar que somos praticantes de religiões de matriz africana. A luta é grande, mas devemos lutar senão perderemos espaços (Guaraci, 2017).

A fala do Guaraci foi bastante abrangente, ele tocou em vários aspectos, inclusive falou da amplitude nacional dos ataques contra os terreiros. Eu destaco aqui seu comentário sobre as pretensões da IURD de ocupar todos os espaços, as falas da bancada evangélica nas casas do legislativo, seja em âmbito municipal, estadual ou federal e a parceria entre os terreiros e a universidades sendo que ele próprio é pesquisador no campo das religiões. O Guaraci demonstrou sua preocupação em combater o ódio religioso pela união dos terreiros e por atos de resistência como a caminhada que participou em favor do Terreiro de Manzo.

O *Centro Espírita Ogum Megê* é um Terreiro Candomblé Nação Candomblé de Angola, raiz bate folha. Conversei com duas lideranças da Casa, a Ialorixá Laura de Ogum seu filho biológico Carlos de Ogum o Pai Pequeno do Terreiro.

NUQ: Tem dificuldade em usar o espaço público? Laura de Ogum (2012): Tem muito preconceito, já teve mais, hoje diminuiu um pouco, mas ainda tem, então a gente fazer alguma coisa em nome do candomblé em um lugar público é muito difícil, né, tem pessoas que ainda xinga, acha que a gente é do mal, tá fazendo pacto com o diabo, não entende, né, não tem conhecimento do que é o espiritismo, né, o candomblé. Por isso eu evito muito, também fazer coisa em público, prefiro fazer tudo aqui mesmo no meu barracão.

Marcelo: A senhora poderia falar um pouco mais sobre a intolerância religiosa? Laura de Ogum (2017): O principal fator de preconceito é o desconhecimento sobre o candomblé. As pessoas precisam conhecer os fundamentos. Falam que Exu é o diabo e não é nada disso. O Exu está mais ligado ao material, ele está para ajudar. Infelizmente pessoas das próprias religiões de matriz africana criticam uns aos outros. Não são todos, são principalmente os mais novos que não têm um conhecimento profundo sobre os Orixás, os Exus, os Pretos Velhos. Cada divindade tem sua característica própria. Tem o que atua na área sentimental, outro na saúde, os Pretos Velhos são conselheiros. Falta mais aos jovens esse discernimento. Para uma pessoa aprender sobre o candomblé de Angola é o mesmo processo que uma pessoa passa na educação escolar: vai do jardim até a universidade e não se pode pular etapas. Muitos jovens não dão ouvidos aos ensinamentos dos mais velhos. Essa pobreza de espírito gera o preconceito. Se uma pessoa não aprende todos os fundamentos do Candomblé de Angola

pouca coisa terá para ensinar. Então a única coisa que irão passar é ódio, desrespeito, intolerância, desunião. As nações de candomblé são: Ketu, Angola, Jeje... Cada uma tem seus fundamentos. O candomblé de Angola é bastante rigoroso, são várias etapas até a pessoa fazer o santo. Eu tenho mais de trinta anos de santo. A umbanda, apesar de ser uma religião brasileira, é muito bonita, mas têm pessoas que a criticam. Muitas delas inclusive são do candomblé. Isso não pode, temos que ter união. Vejo irmãos de santo fazerem intrigas com os próprios irmãos. Isso não pode. Eles precisam estar unidos como uma família. Não é uma família carnal, mas espiritual.

As pessoas vêm ao terreiro porque querem conversar. Aqui no nosso terreiro elas podem conversar com o Pai Mateus e tomar conselhos. Tem Candomblé que não conversa, só fazem o ritual e cantam em ioruba. Mas as pessoas querem conversar.

Antes fazíamos caminhadas com pipoca e cestas nas ruas do bairro, mas houve agressões. Pessoas jogaram nossos balaios no chão. Então não fazemos mais, não temos segurança para isso. Quem ainda faz tem que contratar seguranças.

Aqui eu respeito o horário. O atabaque toca até às 22hs, aos sábados até a meia noite. Eu sei dos meus direitos (Laura de Ogum, 2017).

A Laura de Ogum toca em questões interessantes. Ela frisa muito a importância do conhecimento dos mais jovens sobre os preceitos do Candomblé de Angola para que não haja essa “pobreza de espírito” e pede a união dos filhos de santo. Ela toca também no assunto sobre a deslegitimação da Umbanda por praticantes de Candomblé. Quando ela falou que as pessoas querem conversar me remeteu imediatamente à Mesa da Verdade da IURD (tema que será abordado à frente). Será que os pastores da Universal viram nessa necessidade de conversar por parte das pessoas um potencial para atrair fiéis? Esse foi mais um terreiro que deixou de realizar atividades em espaços públicos devido às agressões.

O último terreiro analisado nessa parte foi a *Casa Ilê Axé Oba Tunde*, uma qualidade de Xangô, sendo também chamado de santo velho ou Ogodo explica a liderança da casa Márcio Luiz de Castro. Ao explicar para a equipe do NUQ, em 2012, sobre a configuração de seu Terreiro de Candomblé, Márcio faz uma pequena explicação. Entendi que seria importante reproduzi-lá nesse trabalho.

Marcio Luiz de Castro (2012): Eu colocaria apenas o Candomblé como expressão da casa, mas gostaria de falar que também existe a prática da Umbanda aqui e ela fica marcada em algumas festas que fazemos às suas entidades, como por exemplo a festa do Caboclo e de Tranca Rua. O Candomblé em si não possui essas entidades, como o Caboclo e os Pretos

Velhos, que são da Umbanda, entretanto fica difícil tirar a Umbanda de dentro do Candomblé, e em muitos casos existe a confusão entre as duas religiões. Talvez seja devido à Umbanda ser uma religião de descendência brasileira e o Candomblé ser uma religião de origem africana. Realmente tem hora que fica meio difícil dividir as duas. Claro que existem casas que realmente só cultuam o Candomblé, como por exemplo a nação Jêje, já que suas matrizes são mais puras, não possuem misturas. Mas principalmente em Minas Gerais é muito complicado você afirmar que o Candomblé não tem influência da Umbanda, tentando assim dissimilar os dois. Em Salvador a gente já tem povos mais puros, mas mesmo assim ainda tem uma certa influência. A Subexpressão cultural (Nação do Candomblé, Linha da Umbanda, outras): Candomblé da nação Keto, mas com certeza temos influência de outras nações, pois hoje o Ketu está mutuamente influenciado por elas. Nós temos Orixás que são de outras etnias e de outras terras que a gente cultua, como por exemplo o próprio Efon e também o Logunede. Entretanto, para constar, é o Ketu a nação que abrange minha casa, por isso a gente responde por Ketu. Candomblé da nação Keto, mas com certeza temos influência de outras nações, pois hoje o Ketu está mutuamente influenciado por elas. Nós temos Orixás que são de outras etnias e de outras terras que a gente cultua, como por exemplo o próprio Efon e também o Logunede. Entretanto, para constar, é o Ketu a nação que abrange minha casa, por isso a gente responde por Ketu .

A seguir ele fala sobre fatos ligados a intolerância religiosa

NUQ: Tem dificuldade em usar o espaço público? Marcio Luiz de Castro (2012): Há uns 6 anos a gente fez um encontro das nações na praça da estação e foi super complicado para liberarem para o evento. A gente ficou pensando que em todo domingo tem uma manifestação de alguma coisa lá, por que eles não iriam liberar para a gente? Tem também a dificuldade para usar espaços para oferendas, como beiradas de rios e matas, por isso raramente a gente usa outros espaços se não os da casa para as sessões.

Marcelo: O que pensa sobre a intolerância religiosa? Marcio Luiz de Castro (2017): Existe intolerância por causa de muitas pessoas associarem o Candomblé com o mal. A maldade está no coração das pessoas, não no candomblé. Os praticantes de religiões afro são chamados de macumbeiros. Isso não ajuda. O desconhecimento com os preceitos do candomblé faz com que haja intolerância. O diabo não pertence ao Candomblé. Temos visto ataques contra nossa religião. Querem impor horários e limites como aconteceu na cidade de Santa Luzia com o Terreiro de Manzo. Pessoas têm sido agredidas e apedrejadas. Você viu o que aconteceu no Rio de Janeiro? Traficantes estão expulsando os terreiros das comunidades. A igreja evangélica não tem restrições para realizar os seus cultos.

Nossa religião tem a ver com ancestralidade. Nossos ancestrais vieram da África. Muitos ficaram pelo caminho, pois morreram nos navios. O mar é o maior cemitério negro que existe. As pessoas criticam quando um adepto de religiões de matriz africana não entra no mar durante um período. Elas não entendem o significado disso.

Nesses sete anos que o terreiro está aqui só tive problema com um vizinho que não mora mais aqui ao lado. Tive que chamar a polícia e fazer boletim de ocorrência porque ele chegou a jogar pedras na hora da festa. Existe também o charlatanismo, o que prejudica nossa imagem.

Não uso meu colar de contas no trabalho. Meus patrões vêm nas nossas festas, mas no trabalho não falo sobre religião. Eu procuro respeitar a vizinhança não colocando oferendas perto de casa. O som dos atabaques vai até às 21hs. O respeito tem que partir de nós (Marcio Luiz de Castro, 2017).

Márcio faz um relato tocante sobre a valorização da ancestralidade do povo negro na América e sobre o respeito que os adeptos de religiões de matriz africana têm sobre esse trágico fim que milhões de negros tiveram após embarcarem nos navios negreiros, sem nunca terem chegado à outra margem do atlântico.

ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Apesar de enfrentar todos esses ataques os povos de matriz africana promovem ações para resistir e afirmar sua ancestralidade. Algumas dessas estratégias são as festas públicas que acontecem anualmente em Belo Horizonte.

A Festa de Iemanjá

Belo Horizonte conta atualmente com duas festas anuais para Iemanjá. A mais recente, intitulada Presente para Iemanjá, é organizada por adeptos do Candomblé e acontece no final de semana mais próximo do dia de 02 de fevereiro. A outra, mais antiga e celebrada os umbandistas, ocorre no feriado municipal de 15 de agosto. As duas festas contam com o apoio da prefeitura. A festa dos umbandistas foi oficializada por uma lei municipal⁶ que prevê recursos públicos para sua realização. Logo em seguida uma nova lei⁷ definiu que as Festas

⁶ LEI Nº 4463, DE 23 DE MAIO DE 1986.

⁷ LEI Nº 4648, DE 05 DE JANEIRO DE 1987.

do Preto Velho e Iemanjá seriam promovidas pela Federação Espírita Umbandista do Estado de Minas Gerais, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

Particpei no ano de 2017 do 4º Presente para Iemanjá realizado na Praça de Iemanjá, na Lagoa da Pampulha. A mensagem que os organizadores passaram para os presentes foi da importância da luta contra o racismo e a intolerância religiosa. Percebi a alegria dos participantes em poder entregar suas oferendas às margens da Lagoa da Pampulha, próximos à imagem do Orixá.

A Festa do Preto Velho

A Festa do Preto Velho é realizada anualmente no final de semana mais próximo do dia 13 de maio, na Praça 13 de Maio, mais conhecida como Praça do Preto Velho, pelo fato de no seu centro haver uma imagem de bronze dessa entidade da Umbanda. Essa Festa é também oficializada por leis municipais que asseguram recursos e apoio da prefeitura para sua realização⁸.

Sobre a atitude do pastor Lucinho Barreto que, relatou à época, ter ido a essa festa para (ele e mais vinte jovens da igreja) pregar para as pessoas. Segundo o pastor, ele teria conseguido acabar com a festa mais cedo contando, inclusive, com a conivência da polícia militar. Esse vídeo gerou muita repercussão e o tema foi capa de uma revista de circulação nacional⁹. Em uma visita a Federação Espírita Umbandista do Estado de Minas Gerais, para a realização dessa pesquisa, toquei no assunto com o presidente da federação, o senhor João Magalhães. Ele me disse que tal fato não teria ocorrido. Essa declaração do pastor teria sido motivada para o evangélico se autopromover.

A Festa do Preto Velho de 2017 ocorreu exatamente no sábado, dia 13 de maio. Tive a oportunidade de assistir a mais um momento de encontro e celebração da ancestralidade. Vários Terreiros de Umbanda estiveram presentes.

Não notei a presença de evangélicos imbuídos em pregar para os presentes, mas não posso afirmar que não estiveram lá.

⁸ LEI Nº 4454, DE 07 DE MAIO DE 1986; LEI Nº 4648, DE 05 DE JANEIRO DE 1987.

⁹ Foi feita uma reportagem pela revista superinteressante.

O Cortejo de Omolú

O Cortejo de Omolú é um evento recente na capital e acontece no bairro Concórdia, na região nordeste de Belo Horizonte. O Cortejo sai da Praça do México e segue pelas ruas do bairro (segundo os organizadores o Cortejo acontece no bairro onde tem o maior número de terreiros concentrados). Mais uma vez a mensagem foi de união dos povos de matriz africana e luta contra o racismo e a intolerância religiosa. Vários terreiros foram representados por babalorixás, ialorixás e filhas e filhos de santo. Quilombolas de Mangueiras e Luízes também estiveram presentes. Houve também o apoio da prefeitura de Belo Horizonte.

Em todos esses eventos públicos em que estive notei a presença de crianças e adolescentes. Existe uma preocupação em ensinar para as novas gerações os valores das expressões religiosas de matriz africana.

O CENARAB e a União dos Povos de Matriz Africana

Uma das instituições voltadas para a afirmação da cultura afro-brasileira com a qual tive mais contato durante a pesquisa de campo foi O Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB). Participei de dois eventos organizados pelo CENARAB e sempre fui muito bem recebido por todas suas lideranças¹⁰.

Em 2014 aconteceu a Primeira Conferência dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana da Região Metropolitana de Belo Horizonte na câmara municipal da capital. Falou-se sobre o Plano de Desenvolvimento Sustentável, da importância em valorizar a ancestralidade e em garantir que o Brasil seja efetivamente um estado laico (havia na ocasião uma cruz no plenário da câmara). Estiveram presentes lideranças e representantes do poder público.

No segundo semestre de 2015 estive no I Encontro da juventude de matriz africana da região metropolitana de Belo Horizonte promovida pelo CENARAB. Nesse encontro afirmou-se que a melhor arma contra a intolerância é a afirmação da tradição. Os adeptos das religiões de matriz africana defendem que os terreiros precisam ser reconhecidos como

¹⁰ Agradeço especialmente ao Gleison de Oxalá por me deixar a par dos eventos do CENARAB e por ser um dos principais interlocutores sobre a resistência das religiões de matriz africana.

espaços de saúde e de saber oferecendo contribuições sociais em sua região. O estado precisa dar suporte aos terreiros. Sobre a questão de intolerância contra sua crença e suas práticas, os praticantes das religiões de matriz africana afirmam que não querem ser tolerados, mas respeitados, pois a palavra tolerar traz consigo uma mensagem pejorativa, negativa. Já a palavra respeito pressupõe uma relação simétrica entre as diversas religiões praticadas em todo território brasileiro.

Alejandro Frigeiro (2007) analisa as respostas que os umbandistas dão aos ataques das igrejas neopentecostais, como a IURD, no Uruguai. Ele afirma que

Os líderes religiosos devem desenvolver marcos interpretativos coletivos que impulsionem a construção de identidades coletivas mobilizadas para a ação. Para esse fim, devem viabilizar recursos econômicos e culturais no interior e no exterior de sua religião, assim como aproveitar a estrutura de oportunidades que lhes apresenta o meio social em que se desenvolvem (FRIGERIO, 2007 p. 73).

Esses eventos me permitiram ampliar o conhecimento sobre os povos de matriz africana e entender melhor suas formas de resistência. Um aspecto que notei nos dois encontros foi à baixa adesão de filhos e filhas de santo. Isso foi objeto de queixa por parte de algumas lideranças. Foi falado que muitos babalorixás e ialorixás não liberam seus filhos a comparecerem a eventos organizados por outras casas. Afirmou-se a necessidade da união dos terreiros para combater e resistir aos ataques de ódio contra suas expressões religiosas.

Participei, também, da Oficina de Direitos de Povos e Comunidades Tradicionais, promovido pelo Grupo de Mapeamento de Povos e comunidades Tradicionais da UFMG, em Belo Horizonte, em maio de 2015. Nesta oportunidade conheci representantes das comunidades do quilombo de Mangueiras, do quilombo de Manzo e da comunidade dos Arturos, além de representantes de outras comunidades tradicionais, como povo Pataxó e de terreiro. Na fala dos participantes pude novamente observar a fragilidade de comunicação e interlocução entre poder público e povos tradicionais. Muitos ainda desconhecem quais órgãos procurar em situações de ameaça física, social ou simbólica e, quais são as políticas públicas direcionadas a eles. Conversei com pessoas de diversos grupos e exercitei um diálogo voltado para a busca do entendimento de suas realidades.

Neste mesmo semestre participei da festa de congado da comunidade dos Arturos, na cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte. Participar desta celebração me permitiu compreender melhor de que forma a crença e ancestralidade dessa comunidade se

(re) afirmam pela celebração do congado. A ampla participação de crianças e adolescentes mostrou a preocupação da comunidade em transmitir seus valores para as novas gerações.

A GUERRA SANTA E A OFENSIVA NEOPENTECOSTAL

O Brasil é um país de maioria cristã e, apesar da maioria dos cristãos serem católicos, vem ocorrendo um aumento do número de pessoas evangélicas. Há uma pluralidade de denominações evangélicas cada uma com sua própria doutrina. As igrejas evangélicas neopentecostais também vêm crescendo bastante. Uma das estratégias dessas igrejas neopentecostais é o foco na teoria da prosperidade, ou seja, a promessa de riqueza material. Outra estratégia que estas igrejas têm promovido é o combate ao mal. O discurso adotado pelas igrejas neopentecostais é que esse mal deriva de religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. Dessa forma, as igrejas neopentecostais têm promovido uma série de ataques contra as religiões de matriz africana no Brasil. Isso acabou levando ao um discurso de ódio contra candomblecistas e umbandistas baseado numa ideia de pureza espiritual que acaba levando a agressões físicas e simbólicas contra o Povo de Terreiro.

Vagner Gonçalves da Silva (2007) frisa que essa Guerra Santa acontece por cinco formas diferentes e complementares. São elas:

Ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo; agressões físicas in loco contra terreiros e seus membros; ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou a símbolos dessas religiões existentes em tais espaços; ataques a outros símbolos da herança africana no Brasil que tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras; e as reações públicas (políticas e judiciais) dos adeptos das religiões afro-brasileiras. (SILVA, 2007 p. 10).

As expressões religiosas vindas com os africanos escravizadas foram ressignificadas no Brasil. O candomblé é, portanto, uma religião afro-brasileira. Essa religião foi historicamente perseguida (QUEIROZ, 1989). A visão negativa construída em torno da cultura africana e afro-brasileira tem origem no período colonial, onde toda cultura que estava associada aos negros era vista como desprezível e inferior.

Sendo assim, a discriminação e perseguição aos negros e suas práticas é histórica no Brasil (CORRÊA, 2001; QUEIROZ, 1989; SCHWARCZ, 1993). As primeiras escolas científicas brasileiras consideravam os negros como inferiores, na tentativa de justificar a

escravidão e a exclusão de grande parte da população negra, nos períodos imperial e republicano, respectivamente.

Esse racismo “científico” era uma ferramenta utilizada pelas elites e pelo governo para manter o modelo dominante. Durante a república, período em que já não havia mais a escravidão no Brasil, as práticas de perseguição aos negros permaneceu arraigada no estado e nas classes dominantes do país. Nesse contexto, toda prática que era relacionado à cultura negra era alvo de repúdio, inclusive as religiões de matriz africana, como o candomblé que foi perseguido por meio de “políticas específicas de repressão das atividades religiosas ou culturais dos negros” (CORRÊA, 2001: 43).

A prática do candomblé entre as comunidades negras apresentou-se como uma resistência, pois:

Significaram uma defesa cultural para os africanos e seus descendentes [...] salvaguardaram as maneiras de ser e pensar que constituíram seu patrimônio específico, impedindo que a cultura ocidental, fortemente hegemônica [...] destruísse e totalmente anulasse tudo quanto os caracterizava enquanto coletividades específicas (QUEIROZ, 1989: 33).

O estudo de Mariza de Carvalho Soares (1990) sobre as perseguições promovidas por igrejas pentecostais às religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, ajuda a entender o contexto atual da intolerância religiosa. Uma vez que o discurso dessas igrejas tem sido o de “imbuir seus fiéis do espírito do combate ao mal”, essa atitude transforma os cultos afro-brasileiros em alvo preferencial das ações e demonstrações das igrejas neopentecostais (SOARES, 1990: 76). De acordo com a autora, a fé cristã das igrejas contemporâneas não admite outra forma de relacionamento que não seja a sua (SOARES, 1990: 93). Isso tem causado muitos transtornos para alguns terreiros, por terem que passar por constrangimentos.

Nesse aspecto, lançamos mão do conceito de *Panopticon* de Bentham citado por Foucault, uma vez que este modelo permite vigilância de alguém sobre as pessoas. O preconceito, a discriminação e a falta de informação sobre as manifestações da cultura afro brasileira faz com que muitos considerem legítimo “esse poder, que tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigiam, a respeito deles, um saber” (FOUCAULT, 2005: 88). A intolerância religiosa parece estar ligada a construção dessas “verdades” sobre os rituais do candomblé e umbanda.

A igreja neopentecostal que mais tem promovido esses ataques é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) fundada pelo bispo Edir Macedo há 40 anos. A IURD hoje possui templos em várias cidades do Brasil e do mundo com milhares de fiéis.

Silva (2007) afirma que o motivo do ataque da IURD às religiões afro-brasileiras “parece ser consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso vieram ocupar na própria dinâmica do sistema neopentecostal (SILVA, 2007 p. 193)”. Ele diz que o neopentecostalismo se tronou no Brasil uma religião vivida no próprio corpo. Para esse autor “combater as religiões afro pode ser uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões com forte apelo mágico (SILVA, 2007 p. 194).”.

Ari Pedro Oro (2007) destaca três aspectos para entender as estratégias da IURD. São eles

Igreja religiofágica – apropriação e atribuição de novos significados a elementos de crenças tomadas de outras igrejas e religiões. Igreja da exacerbação – a ampliação desses elementos e de outros já existentes no campo religioso. Igreja macumbeira – a metamorfose dessa igreja, sobretudo em determinados rituais, que ao invés de distanciá-la das religiões afro-brasileiras que combate, delas se aproxima (ORO, 2007 p. 33).

Nas próximas linhas irei falar das minhas impressões sobre o culto da IURD onde essa luta contra o mal é feita de forma ritualizada.

A Sessão do Descarrego

Para buscar entender melhor como acontece essa Guerra Santa assisti aos cultos da Sessão do Descarrego para a Cura do Corpo e da Alma na Catedral da Fé da Igreja Universal do Reino de Deus em Belo Horizonte¹¹. A Catedral da Fé é um templo imponente com capacidade para cinco mil pessoas e está situada no bairro de Lourdes, região nobre da capital mineira. Para essa etnografia, assisti a oito cultos entre os anos de 2016 e 2017. Nesse texto irei abordar predominantemente os fatos ocorridos em uma das Sessões do Descarrego, tendo em vista que houve mudança dos pastores titulares entre 2016 e 2017, o que levou a algumas mudanças na forma como os cultos foram conduzidos. Nessa parte farei aproximações com a

¹¹ A Sessão do Descarrego acontece todas as terças-feiras e em vários horários ao longo do dia. Ela faz parte do calendário nacional de cultos da IURD.

análise de Bruno Reinhardt (2007) sobre a Sessão do Descarrego na IURD da cidade de Salvador.

A primeira coisa que me chamou a atenção ao entrar pela primeira vez na Catedral da Fé foram duas placas de advertência: uma continha os dizeres “É proibido fotografar, filmar e gravar. Const. Federal Art. 5º, VI e X; C. Civil Arts. 20; 44, IV, Prgfs 1º e 122; Penal Art. 208” e a outra informavam “Ao entrar favor desligar o celular”. Essas placas ficam fixadas nas entradas da Catedral e nas escadas que dão acesso ao estacionamento localizado no subsolo. Certa vez perguntei a um membro da igreja o porquê dessa proibição e ele me respondeu que “está na lei” apontando para a parede. Persisti com o questionamento e indaguei qual era o motivo para a igreja se valer dessa prerrogativa? Então ele me falou que a intenção seria evitar que pessoas usassem gravações com más intenções. A IURD grava e fotografa seus cultos e faz uso dessas imagens nos canais de comunicação como programas de televisão e nas redes sociais divulgando a Sessão do Descarrego. Vamos para o culto.

O pastor Flávio Diniz, titular dessa reunião no ano de 2016, inicia o culto perguntando aos fiéis há quantas terças-feiras eles já estavam indo à Sessão do descarrego, e fala para eles se dirigirem para frente do altar. Ele diz que quem ouve vozes, vê vultos, tem dores de cabeça, desmaios, vontade de morrer deveria ir diante do altar. E continua chamando à frente os fiéis que sonham com gente morta, que têm raiva, que na hora da oração são tomados por uma raiva. Também os que têm desejo de suicídio. O pastor fala sobre o caso de uma senhora que foi ao culto mais cedo e deu, segundo o pastor, o seguinte testemunho. Depois que a amante entrou no seu casamento, uma voz dizia para ela se matar. Uma voz falava ‘pega uma faca, mata seu filho e depois você se mata’. Aí o marido ia chegar e carregar o sentimento de culpa para o resto da vida.

Nós vamos fazer a oração do descarrego, avisa o pastor Flávio. Ele fala aos fiéis para não terem medo, fecharem os olhos e pensarem no seu problema. Antes de passar o microfone para o pastor Saulo, para este começar orar, ele diz aos demais fiéis que, na sequência, todos que ficaram nas cadeiras deveriam ir à frente porque será estendido o Manto dos Sinais – um grande manto vermelho – para ser feito o descarrego em todos. Na oração de hoje Deus vai fazer uma coisa muito forte, diz o pastor, e cita um versículo da bíblia “nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará a sua tenda” (Salmos, 91: 10). Ele fala “[Mas] pastor, já chegou [o mal. Poderiam dizer os fiéis]”. Deus vai tirar, assegura o pastor Flávio, citando outro versículo “aos seus anjos dará ordens a teu respeito para que te guarde em todo o teu caminho (Salmos, 91: 11)”. Deus vai mandar um anjo agora no teu caminho. Em todo

caminho, na saúde, no amor, no financeiro, na família Deus vai mandar um anjo, completa o pastor. O pastor Flávio pede aos fiéis fecharem os olhos repetirem a oração:

Meu Deus, em o nome do senhor Jesus, dá ordem a seus anjos agora para entrar em todos os meus caminhos aonde existe um espírito que foi enviado por um ritual de inveja, vingança, uma maldição dos antepassados. Quebra a maldição agora, agora Jesus, desmancha esse mal agora, entra na minha vida entra no meu caminho (pastor Flávio, 2016).

O pastor Flávio começa a aspergir água nas pessoas com um ramo de folhas. Ele fala que enquanto estiver aspergindo água, o pastor Saulo, que esteve duas décadas em África irá fazer a oração no ‘dialeto’ Zulu. “Dialeto que ele libertou em África, e os espíritos do mal conhecem essa oração.”

Essa fala do pastor Flávio faz uma ligação entre a África e os “espíritos do mal”. Fomentando uma imagem negativa das expressões religiosas de matriz africana. Estaria o pastor sugerindo que a língua Zulu é língua nativa dos espíritos do mal?

O pastor Saulo é um homem negro de meia idade, ele sempre esteve presente nos cultos que assisti e às vezes vestia roupas tradicionais africanas. Logo que começa a oração em Zulu, pessoas começam a manifestar a possessão e o pastor Flávio orienta os obreiros a irem buscá-las¹².

O pastor Divino continua a oração do descarrego e usa termos como entidade e espírito, os associando aos problemas que afligem os fiéis como conflitos familiares, desequilíbrio financeiro e doenças. As palavras proferidas pelo pastor fazem crer que há uma relação direta entre um espírito do mal e uma enfermidade física. Nesse caso, uma gastrite seria causada pela ação de um espírito do mal, não por aumento da acidez no estômago. Ele determina que os espíritos do mal devam soltar aquele órgão enfermo ou serem arrancados pelo efeito da oração. Na sua oração, e dos demais pastores da IURD, aparecem elementos que vinculam rituais de religiões de matriz africana aos infortúnios que afligem os fiéis. Ele diz:

Ela comeu um frango, ela comeu uma farofa lá no terreiro, ela comeu uma comida preparada, uma comida apresentada à entidade, sai daí, sai daí. Ela te serviu no passado. Ele foi pai de santo. Ela foi mãe de santo. Essa pessoa deitou no Roncó, deitou no Camarim. Essa pessoa tomou banho de Abô, banho de pipoca. Essa pessoa ela foi arriar o despacho pra você no

¹² Quando me referir nesse texto sobre a possessão ou incorporação, utilizarei esses mesmos termos para me referir às manifestações observadas nos Terreiros e IURD.

passado e você entrou nela, o trabalho foi feito lá na roça, lá no milharal, o trabalho foi feito lá naquela cachoeira. Isso! Isso mesmo demônio, isso espírito. Isso! Pula fora rapaz eu estou te mandando. Você que diz que vai quebrar as pernas. Você que diz que vai matar ele, se ele te deixasse você mataria, se ele deixasse o Terreiro você iria matar ele, você iria matar a família dele. Pula fora, vamos sai daí pula fora demônio (pastor Divino, 2016).

O pastor Divino mostra que tem certo conhecimento com os rituais de religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Essa constatação também foi feita por Reinhardt. Ele diz “chama a atenção, de imediato, o vasto conhecimento que têm os pastores do repertório mágico afro-brasileiro, cujos termos são repetidos com uma fluência e uma redundância impressionantes (REINHARDT, 2007 p. 43)”. Por disso, o pastor Divino faz associações diretas entre os infortúnios dos fiéis e esses rituais afro-brasileiros. Todas as vezes que ele falava a palavra “Isso!” com veemência, ele olhava para as pessoas incorporadas, sugerindo que sua oração estava surtindo efeito, ou seja, o “espírito do mal” estava se manifestando. Quem não conhece os rituais das religiões afro-brasileiras ouve muito sobre eles na IURD A questão é que nos Terreiros esses rituais têm uma força e conotação positiva (axé) e na Sessão do Descarrego eles são a fonte de todos os infortúnios. Todos os cultos da Sessão do Descarrego em que estive estavam cheios e os fiéis sempre ouvem dos pastores sobre quais seriam as origens de seus problemas, nesse caso os rituais das religiões afro-brasileiras.

Assumir a eficácia dessas forças do mal é a primeira atitude de uma estratégia que, trazendo eficazmente esse outro para dentro da sua textualidade (a função da manifestação), consegue ritualizar o próprio embate entre essas religiões e as visões de mundo que elas sustentam. (REINHARDT, 2007 p. 58).

Terminada a primeira oração, o pastor Flávio orienta os fiéis a se prepararem para passar no Manto dos Sinais. Em um dos programas de televisão produzidos pela IURD e transmitidos em canais de TV aberta, o pastor Flávio atesta, com imagens, que o Manto dos Sinais foi consagrado em Israel. Isso sugere que foi consagrada na terra santa, sua eficácia seria ainda mais efetiva.

O pastor conta outro testemunho. O de uma jovem que ficou com vergonha de pedir oração. Segundo ele, a mulher tinha um espírito hereditário no corpo¹³. Durante a oração, feita do altar, ela começou a sentir um mal estar que, segundo o pastor Flávio, é o efeito da oração desfazendo a magia. O pastor fala que ao final do culto ele orou individualmente para a jovem e “ela manifestou o mal e foi liberta”. O pastor frisa aos fiéis para não ter vergonha de receber oração. Ele diz que o fiel tem que ter vergonha é “da vida que está vivendo, ter vergonha de ter um casamento destruído, viver de aparências, tomar remédios, disso sim você tem que ter vergonha”. Ele, então, lista uma série de sintomas como tontura, arrepios, calafrios e pede para os fiéis subirem no altar. Fala para as pessoas que sonham com gente morta, que têm vontade de morrer ou têm ideia de suicídio para procurar um pastor e receber oração na cabeça. Pede aos obreiros para pegar o Manto Vermelho, e se dirige aos fiéis e diz “quando você tocar no Manto o caroço vai sumir, a doença vai sumir, portas vão se abrir”. E orienta o fiel a tocar o Manto com a carteira de trabalho, com uma foto, com uma roupa. Diz que na saída “vamos aspergir água na roupa e você entrega o pedido do Livrinho das 10 Terças”.

O livrinho das 10 Terças-Feiras se assemelha a uma pequena caderneta, contém dez páginas destacáveis onde os fiéis escrevem seus problemas e levam para o culto. Na sua capa há a seguinte orientação “Você vai usar a Água do Rio Jordão contida no Lenço, para fazer o Descarrego em sua casa”. Na parte de dentro, em cada uma das 10 folhas se lê “Escreva os problemas que os espíritos imundos trouxeram para a sua vida”. “Você irá trocar essa folha por um lenço umedecido do Rio Jordão”. De acordo com Reinhardt esses objetos mantêm o modelo da cura pelo toque, pelo contágio (p.47).

Os pastores da Sessão do Descarrego em todos os cultos em que estive distribuíram para os fiéis objetos como o “Livrinho das 10 Terças” o “Lenço Umedecido com Água do Rio Jordão produzido em Israel” o “Saquitel da Sessão do Descarrego”, este último serve para os dizimistas colocarem o dízimo, e envelopes de desafio para “A Quebra do Domínio” para o “Descarrego Familiar”, entre outros. Dessa maneira, os fiéis assumem um “compromisso com Deus” de retornar à igreja na próxima semana.

Nos cultos que assisti em 2017 o então pastor titular, o pastor Felipe Santos, liderava a campanha do Pacote do Sal. Nessa corrente os fiéis tinham que levar um pacote de sal de cozinha à igreja para ser consagrado pelo pastor “Tem que ser pacote fechado, aberto não vale. Você traz o pacote para a igreja e leva para casa” disse o pastor.

¹³ As três formas de o espírito do mal entrar nas pessoas são, segundo o pastor, pela inveja, por feitiço ou por maldição hereditária.

Dando prosseguimento ao culto, o pastor Flávio diz aos fiéis para começarem a passar por debaixo do Manto dos Sinais e diz para o pastor Divino orar forte

Em o nome do senhor Jesus o espírito que estava resistindo, agora ele vai ser obrigado a sair porque esse Manto não foi consagrado na esquina não, esse manto foi consagrado lá na Terra Santa demônio e você sabe que foi lá que você foi vencido. Pode sair, sai desse corpo, ela passa e você não passa, ele passa e você não passa. Você espírito da enfermidade que está aí em forma de tumor, em forma de caroço, em forma de AIDS, espírito que leva ao vício das drogas a cocaína, a heroína, ao crack a maconha sai dele demônio, sai do corpo dele espírito imundo (pastor Divino, 2016).

Nos casos em que a primeira oração não foi suficiente para o descarrego das negatividades realizam-se orações subsequentes. Mais uma vez vinculam-se os problemas aos espíritos do mal.

Fizeram um trabalho com a peça íntima dela, fizeram um trabalho pra destruir o casamento, pra destruir o noivado, pra destruir o namoro. Fizeram um trabalho para acabar com o comércio dela, pra acabar com o salão de beleza dela, pra acabar com a clientela dela. É você tranca tudo, é você tranca rua, é você que está aí espírito. Não adianta, onde você estiver nós vamos te alcançar e vamos te arrancar espírito sujo (pastor Divino, 2016).

No trecho seguinte ele fala do comportamento social

Esse homem tinha caráter, esse homem era um homem de caráter, de respeito a agora se entregou à promiscuidade, à imoralidade, à prostituição. Essa moça se tornou lésbica, esse rapaz se tornou homossexual. Esse homem já tem 50 anos de idade e nunca constituiu família porque você está nele. Saia! (pastor Divino, 2016).

As divindades são consideradas pelos pastores entidades que agem para fazer o mal às pessoas. É possível que o pastor Divino já tenha sido praticante de religiões de matriz africana, dado o seu conhecimento sobre suas entidades e rituais. Outro pastor continua oração e agora aparecem termos até então não haviam sido usados.

A ordem é dada encosto. Ninguém tá te pedindo encosto, aqui nós ordenamos sai da vida dessa pessoa, sai dos caminhos dessa pessoa. Essa pessoa passa por esse Manto, mas você não passa. Pode soltar agora em nome de Jesus encosto, que entrou através de um trabalho de

voduismo, de bruxismo. O demônio que entrou através de um trabalho numa mata, num cemitério sai daí, sai daí. O nome dela foi colocado na pedreira, o nome dela foi colocado na beira do rio, na lama e a vida dessa pessoa tá num lamaçal, tá afundada em dívidas. Essa pessoa vive doente. Sai daí encosto, sai daí encosto. Ela perdeu tudo porque você demônio tá ai, você encosto tá ai. Vamos manifesta maldito, manifesta. Porque ganhou trabalho no terreiro, porque ganhou trabalho na encruzilhada. Isso! Desaloja daí encosto, desaloja daí enfermidade maldita do inferno (pastor Lúcio, 2016).

A oração continua enquanto os fiéis passam por debaixo do Manto dos Sinais. Mais um pastor continua a oração. Até esse momento do culto, quatro pastores diferentes já pegaram no microfone para orar. Todos fizeram ligações entre problemas, rituais afro-brasileiros e o diabo. O quinto pastor continua a oração e essa lógica se mantém

Você que recebeu um trabalho na pedreira, na mata virgem, com uma peça de roupa dela, com a fotografia dele pra matar ele num acidente de automóvel, sai daí coisa ruim. Esse Manto, ele foi ungido para desfazer as suas obras. Isso! A força do mal, a força do inferno que ganhou para virar a cabeça do marido. Pra tirar o marido dela de dentro de casa. Ele já não é mais o mesmo. Ele vem se esfriando. Ele vem falando em sair de casa, sai de lá, sai de lá coisa ruim, sai de lá praga mal dada, força do mal (pastor Marcos, 2016).

Importante frisar que em vários momentos distintos os babalorixás, as ialorixás e os filhos de santo me disseram que o candomblé, por exemplo, não reconhece a figura do demônio ou considera que exista o inferno. Essa vinculação do candomblé com o diabo é feita perversamente pelas igrejas neopentecostais e é motivo de muita indignação por parte do povo de terreiro.

Termina a oração e o pastor Flávio diz para os fiéis levantarem roupa, foto, tudo o que tinham em mãos. “Nós determinamos que a praga saia da casa dela agora. Nós determinamos que a praga saia da vida do marido, do filho, do pai, da mãe. Aonde existe uma praga, Deus despacha os anjos agora”. Ele fala para os fiéis também determinarem para a praga sair de suas casas agora. Determinarem para a praga da doença, a praga de miséria, a praga da separação, a praga do vício, a praga do ódio, do adultério, da prostituição da inveja e da vingança sair da família agora. Sai dessa casa agora em o nome do senhor Jesus Cristo, completa o pastor. Os fiéis repetiam as orações com muita exaltação. A maioria dos fiéis sempre procurava seguir todas as orientações que eram dadas pelos pastores durante o culto. Afinal, os fiéis estavam ali para resolver seus problemas, e procuraram cumprir todo o ritual

para “o descarrego” das doenças, dos problemas financeiros e conflitos familiares. Afinal de contas para eles os pastores são especialistas em retirar o mal da vida delas.

Desde o início da primeira oração da noite, várias pessoas começaram a receber as entidades. À medida que essas manifestações iam acontecendo, os incorporados eram levados pelos pastores e obreiros para cima do altar. Muitos ficam nesse estado por quase toda a reunião, sempre acompanhados por um pastor (a) ou obreiro (a). Em outra parte do culto o pastor Flávio começa a entrevista com as entidades. Na Sessão do Descarrego são adotados vários procedimentos para dar legitimidade às falas dos pastores, como este o de entrevistar o ‘espírito do mal’.

O demônio é sabatinado sobre como e por que passou a interferir na vida daquela pessoa, o que quase sempre resulta na confissão de que ele fora enviado por alguém e que esse fato se deu pelos meios mágicos e rituais das religiões afro-brasileiras (REINHARDT, 2007 p. 44).

Ele se aproxima de uma pessoa em possessão e fala para os fiéis “olha as mãos dessa mulher”. As mãos dela estão voltadas para trás. O pastor Flávio então pergunta: Espírito maligno quem é você? Tranca rua, responde a entidade. F: Espírito do mal você entrou por inveja, vingança ou vem de família? E: Inveja F: O ritual contra ela foi arriado aonde? E: Numa encruzilhada. F: O que você tá tirando da vida dela? E: A filha já tirei. F: Quem mais? E: Ela não consegue nem mais trabalhar F: Quais os pensamentos você põe na cabeça dela? E: Entra debaixo de um caminhão. Era pra entrar hoje. Eu não sei o que ela está fazendo aqui. Ouvem-se gritos de outras pessoas incorporadas. Continua a entrevista F: Você fala o que na mente dela? E: Para entrar debaixo do caminhão F: Quando ela está consciente você se esconde aonde? E: No coração F: Eu quero falar com essa moça. Sai! F: Amém.

Calma, diz o pastor para a mulher e pergunta seu primeiro nome? Mulher: L. Flávio: Antes de a senhora falar o problema, se Deus permitiu que a senhora subisse aqui a senhora vai descer outra pessoa. Vai haver um antes quando a senhora subiu, e vai haver um depois quando a senhora descer. Porque Deus não deixaria a senhora subir e descer aqui do mesmo jeito. A senhora crê? L: Sim Flávio: Qual o problema que a senhora tá passando? L: Minha filha saiu de casa. Eu já não consigo fazer mais nada, nem pagar minhas dívidas. Estou brigando agora com meu esposo F: Tá tudo amarrado? L: Tudo. Não estou tendo ânimo pra nada F: A senhora é muito invejada, muita vingança, muito ódio? L: Eu começo a fazer as coisas e depois eu paro F: Quais os pensamentos que passam na sua cabeça? L: Muitos. A mulher chora e continua a falar. L: Hoje antes de vir pra cá me deu vontade de entrar debaixo

de um caminhão e me matar F: É a primeira vez que a senhora pensa nisso? L: É F: A senhora pensou hoje em acabar com tudo? F: Sim. E nem mais voltar pra casa F: Está desesperada? L: Muito F: Muita vergonha? L: (choro) Em tudo. Parece que eu estou sendo um problema. Eu parei na avenida e pensei. Entra debaixo que você vai morrer e vai acabar com tudo. Não vai voltar pra casa F: Nós vamos te ajudar L: Nem sei como é que eu vim parar aqui [na igreja, em cima do altar] F: Foi Deus que te trouxe aqui. L: Eu estava afastada da igreja e voltei hoje. (Ouve-se mais um grito de outra pessoa incorporada). Pode-se perceber que a fala da entidade que domina a mulher e a versão relatada por ela é praticamente a mesma, atestando para os fiéis a veracidade das informações.

O pastor Flávio se dirige aos fiéis e fala do jornal Folha Universal (Jornal da IURD de distribuição semanal e gratuita) e diz “Tá vendo porque que você tem que ajudar a gente ajudar essas pessoas? Nós preparamos cinco mil jornais”. Ele pede aos pastores para distribuírem os jornais nos corredores. Fala para os fiéis pegarem quantos jornais quiserem. “Quem quer pegar 50 jornais distribui, dá na parada de ônibus, dá em casa, dá para os vizinhos. Quem tem comércio põe no balcão do seu comercio. E ele complementa “Tá com o folheto da Sessão [do Descarrego] Nós vamos dar as caras Se você vem à igreja o teu problema é nosso, mas se você não vem o problema é seu.” E ele pede uma confirmação verbal dos fiéis perguntando “verdade ou mentira?”

Continua a entrevista com a mulher F: A senhora não ia entrar na igreja hoje? L: Não. Eu não conseguia. Eu dei duas voltas ao redor da igreja, mas não consegui entrar. F: A senhora passou na frente e não conseguia entrar? L: Tinha uma coisa que me puxava pra fora. Flávio diz “Olha só gente. Vocês estão ouvindo? Tá vendo pastores? O diabo não queria deixar entrar na igreja. Ele novamente se dirige à mulher. F: Uma coisa te puxava pra fora? L: Hum hum. Aí eu olhava pro caminhão. Olhei duas vezes e a voz falava assim ‘entra, acaba o problema logo, entra você vai morrer. Deu vontade de suicidar mesmo. Mas aí eu pensei em Deus e nos meus filhos e falei: tem algo errado F: Sabe o porque desse conflito? Porque tua vida muda hoje L: Amém pastor F: Porque o diabo até na porta da igreja estava brigando pela tua alma? Porque ele perde a tua alma hoje L: Amém (choro) F: Coloca a mão no coração, fecha os olhos. F: Essa água [santa] que vai cair na cabeça dela é o banho do descarrego. É a água do [rio] Jordão (gritos). Nesse momento a mulher volta a incorporar a entidade. Então o pastor Flávio diz: Perdeu, perdeu satanás (gritos) F: Vem aqui o [espírito] mais forte (gritos) F: Olha pra mim.

Ele novamente se dirige aos fiéis e diz “olha o olho da mulher. Isso aqui é o diabo. Se você não se agarrar com Deus olha aqui quem tá te esperando. E não fica com essa conversa

mole. ‘Ninguém me ama, ninguém me quer’. E nós estamos fazendo o quê aqui? Fiquem aqui na frente os pastores e obreiros. Nós estamos batendo de frente com o inferno. Ninguém quer te ajudar? Ninguém se importa? Meu caro olha aqui. O que não falta é gente que se importa com você. Agora se você não abraçar a fé não jogue a culpa em ninguém. Eu digo uma coisa pra você. Você só não vence se você não quiser.

Ele se volta novamente para a entidade num movimento um tanto pendular para manter esse contato tanto com a entidade quanto com os fiéis. F: Olha pra mim (gritos). Acabou desgraçado. Você vai perder a vida dela hoje. E: Não F: Acabou. Eu vou te arrancar daí. E: Não F: Eu vou arrancar você da alma dela desgraçado. Você vai sofrer você vai sofrer, você vai sofrer. O pastor Flávio sempre falou grosso com as entidades entrevistadas e manso com as pessoas quando não incorporadas.

Mais uma vez ele faz o movimento pendular e alerta os fiéis. “Estende a mão pra cá. Acabou não hein. Isso aqui é 10% do quem tem aqui. Nós vamos arrancar tudo”. Fala para os fiéis pegarem a bolsa de plástico que foi entregue na entrada da igreja. “Dentro tem um lenço e uma varinha. Segura na vara. Quem não tem a bolsa? Receba [dos pastores e obreiros].” Enquanto as bolsas são entregues para quem ainda não recebeu, o grupo de louvor da igreja canta uma música: o diabo é um bicho atrevido, e todo aquele que cair na sua vontade, vai cair na vaidade. Se o diabo manifestar leva fogo, fogo da cabeça aos pés. Quem manda fogo santo é Jesus de Nazaré.

Após se certificar que todos os fiéis receberam a sacola, orienta os fiéis para quando chegar a casa pegar a água do banho e com o pano aspergir água pela casa toda. Orienta a trazer o lenço pra queimar. Fala para trazer também uma roupa para o pastor aspergir a água e os fiéis tocarem no Manto. Tem também um envelope, diz o pastor. Neste envelope está escrito ‘Quebrou o Senhor a vara dos perversos e o cetro dos dominadores que feriam os povos com furor, com golpes incessantes, e com ira dominavam as nações, com perseguição irreprimível. (Isaías 14:5)’.

O pastor fala para os fiéis que o diabo com fúria golpeia as pessoas, que ele fere, mas Deus vai quebrar a vara. “Tem gente que está apanhando com a vara do diabo” diz o pastor. Os fiéis são orientados a pegar essa varinha “só você que crer”, e escrever de um lado o seu nome ou nome de um parente. “Não pode ser os dois nomes, do outro lado você vai escrever qual o domínio que o perverso está fazendo na sua vida”. O pastor lista uma série de infortúnios que podem estar assolando os fiéis como doença, droga, alcoolismo, maldição, miséria, traição, vontade de morrer. “Semana que vem nós vamos levantar a vara pro céu e fazer uma oração Nós vamos quebrar a vara Quando nós quebrarmos a vara, pela fé, os

demónios vão cair por terra, eles vão manifestar, eles vão largar, o dominador vai sair”. Mais uma vez é feito “um compromisso com Deus” para que os fiéis retornem na próxima semana. O pastor novamente cita um versículo da bíblia “À meia-noite, os povos são perturbados e passam, e os poderosos são tomados por forças invisíveis” (Jó 34: 20).

Ele cita a entrevista que acabara de fazer com a mulher e seu conflito para entrar ou não na igreja quando “uma força invisível” dizia pra ela não entrar e se jogar debaixo do caminhão. “Sabe porque a bíblia diz à meia-noite? Eu perguntei para a bruxa hoje cedo¹⁴”. Porque meia noite é hora da virada. O diabo quer virar sua vida de cabeça pra baixo, diz o pastor. “Tem gente que a vida dela virou. Tem gente que deitou com saúde e acordou o que?”. Com doença responde a igreja. O maniqueísmo entre o bem e o mal e o dualismo entre bom e ruim perpassa todo o repertório da Sessão do Descarrego. Alguns exemplos desses dualismos que o pastor Flávio cita são: deitou rica e acordou na miséria, deitou amando e acordou odiando, deitou sã e acordou depressiva, psicologicamente perturbada, deitou em paz e acordou com uma tragédia. Mas ele afirma para os fiéis que “se tua vida virou deus vai desvirar”. O pastor fala de que maneira os objetos utilizados para “descarregar o mal” são consagrados e faz um relato pessoal sobre sua experiência na Umbanda

Cada uma das ex-bruxas ficaram com um vaso de óleo na mão e elas levaram pra casa o lenço. Olhem no telão [a imagem delas] Elas vão consagrar a semana toda e terça que vem nós vamos dar esse lenço [do rio Jordão] que vai ser o lenço da virada. É o banho da virada pra arrancar o domínio desses demônios. Quem crê? Você vai fazer um voto com Deus. Quem não quiser não faça.

Toda sexta ei ia pra macumba eu, minha mãe e meu irmão. Faltava comida, ela levava a galinha, vela vermelha ou preta, a depender da sexta, e a cachaça do diabo. Porque que minha mãe levava [comida] pro diabo e deixava a gente com fome? Ela acreditava nos demônios (pastor Flávio, 2016).

Além de dar seu testemunho pessoal, o pastor Flávio dá um recado para as pessoas que buscam ajuda em outras religiões ao invés de fazer “um compromisso com Deus”.

Eu atendi uma mulher hoje ao meio dia e ela falou ‘eu gastei dois mil reais para o meu marido voltar. Fui à cartomante, fui à benzedeira depois fui ao pai de santo. A pomba-gira falou que queria dinheiro, fui e dei pra ela’ Cadê seu marido? ‘Foi embora pastor’. Se você [fiel] acha que nós queremos o seu dinheiro, pega o seu dinheiro e cura o teu filho, pega o seu dinheiro e traga seu marido de volta, pega o seu dinheiro e resolva o seu problema. Agora se você crê que um voto com Deus muda a sua vida coloca [dinheiro] ali dentro [do envelope] e faz um voto com Deus. ‘Qual a oferta que vou colocar?’

¹⁴ As ex-bruxas são assim chamadas para identificar as ex-mães de santo que transitaram das religiões afro-brasileiras para a IURD. Esse tema será desenvolvido na parte sobre a mesa da verdade.

Não sei. Você vai colocar uma oferta de mil, quinhentos, trezentos, duzentos, cento e cinquenta, vinte? Não sei. A fé é sua. Mas veja o que o diabo tá levando e você tá dando pra quem? Nunca dê sobra nem troco. Quando você colocar esse voto no altar semana que vem você vai dizer assim ‘meu Deus [a oferta] que eu estou dando não muda minha vida, não resolve meu problema. Mas tira o domínio desse demônio da minha vida. Tira o domínio desse demônio da minha mente, do meu marido, do meu filho’ E nós vamos quebrar a vara e entregar o lenço da virada pra você. Quem crê? (pastor Flávio, 2016)

Segundo o pastor, não adianta os fiéis gastarem dinheiro em outras religiões para se livrar dos infortúnios, pois não vão ter a volta do marido, a cura da doença ou o equilíbrio financeiro. Para o pastor Flávio somente um “desafio com Deus” lembrando, claro, que “a fé é sua” (o fiel ‘sabe’ que o valor da sua oferta será proporcional à sua crença no poder de Deus. Dessa forma, o fiel é desafiado “por Deus” a comprovar sua fé através do valor de sua oferta).

Passado tudo isso, o pastor Flávio irá, finalmente, expulsar os espíritos que possuem aquela mulher. A presença de pessoas incorporadas em cima do altar por quase todo o culto não é aleatória. Afinal, essa entrevista com o espírito já perdura por uma boa parte da reunião. Flávio: Olha pra mim diabo. Você vai sofrer. Levanta a cabeça. Mais um movimento pendular. “Olha o olho da mulher. Ela tá possuída. Você não acredita não?” F: Você vai sofrer. Sofra, sofra, sofra demônio. Receba a ira de Deus. Solta a vida dela olha. Sofra, sofra. Da vida dela, da casa dela, acabou o domínio do dominador. Em nome de Jesus Cristo, sai! Palmas bem forte para o nosso Deus. Flávio: Como você [mulher liberta] está agora? L: Leve, sem dor. F: Você quer morrer L: Não! Em nome de Jesus, [não quero morrer, nem penso em suicídio!]. Estas últimas perguntas do pastor Flávio para a mulher visam a mostrar para os fiéis que “os pensamentos ruins vem dos espíritos do mal”.

Durante essa etnografia tive a oportunidade de assistir a sessões de Umbanda, festas de Candomblé e eventos públicos das religiões de matriz africana. Em todos esses acontecidos houve incorporação de Divindades, de Entidades e de Pretos Velhos. As entidades que contemplei nos Terreiros, na minha mirada, não se assemelham às que se manifestaram na Sessão do Descarrego.

O pastor Flávio fala aos fiéis para vir também em outros cultos da Catedral da Fé durante a semana. Ele chama pessoas que ainda não se sentem bem para irem à frente e receberem oração. Enquanto isso várias pessoas (em possessão) estão em cima do altar. O pastor Flávio escolhe algumas pessoas e continua expulsar os “demônios”. Hinos são entoados em vários momentos do culto. Mais oração “sofra, sofra, sofra diabo” Diga [fiel] “Meus Deus, toda magia, bruxaria, pro inferno em nome de Jesus, Sai!” Nesse momento,

todas as pessoas possesas são “libertas” ao mesmo tempo, pela oração conjunta entre pastores e fiéis. Ele orienta cada pastor a combinar com uma pessoa que estava em possessão pra atendê-las depois do culto.

Chega o momento da entrega dos dízimos “Quem aqui é dizimista? Lembra do voto da semana passada?” Como abordado anteriormente, sempre há um voto “um compromisso com Deus” para que o fiel retorne ao culto da próxima semana. Música para entrega de dízimos: eu venci a batalha, e o diabo perdeu, com Jesus eu irei vencer a batalha. O pastor Flávio pergunta aos fiéis quem crê em Deus e fala para trazer a oferta e jogar em cima do Manto Vermelho. “O pastor vai colocar a mão na cabeça, na bolsa na carteira e expulsar o mal. Pode jogar a oferta cantando” Outras músicas acompanham o ritual: manda uma benção lá na minha casa, tira a macumba lá do meu portão (...) aquele que habita no esconderijo do altíssimo à sombra do onipotente descansará (...) se Deus é por nós quem será contra nos? Aqueles fiéis que deram oferta receberam uma oração extra.

O pastor Flávio faz uma ressalva aos fiéis sobre a área financeira e diz que tem uma classe de demônios de exterminadores de riquezas que não saem com oração, só saem com o cumprimento da promessa. E pra promessa se cumprir tem que ter obediência. “Nessa folha que entreguei tem [escrito] o Salmo 37: 25. Davi diz assim, fui moço e já agora sou velho, porém jamais vi um justo nem a sua descendência a mendigar o pão.” Ele fala ao fiel “Se você se sente desamparado, a culpa não é de Deus. Porque Deus não desampara ninguém. Pra Deus amparar você tem que ser justo. O justo é aquele que vive pela fé.” Se o fiel fizer um pacto como dizimista fiel Ele abrirá as portas do céu. Fala que Deus estabeleceu o dizimo pra ver até que ponto ele é considerado. Ele não precisa do dízimo. Se o fiel não manifestar a fé os devoradores de riquezas vêm e levam tudo na sua vida.

Não trate Deus de qualquer maneira. Se você for fiel Deus vai mover o céu, a terra e vai te amparar. Eu estou ensinando você a mudar de vida. Você não pode sair daqui sem compromisso. Você tem que fazer um pacto com Deus. Se você não for fiel, você não vai ser amparado. Junto com seu dizimo você vai trazer uma oferta em relação a sua idade. Quem quer viver bastante? Eu quero dar o saquitel para você que vai fazer um pacto. Cada dízimo que você trazer aqui Deus vai fazer milagre na sua vida (pastor Flávio, 2016).

Nas primeiras orações da noite os pastores falaram que o espírito imundo quer atrapalhar a vida financeira, mas ele iria sair. Entretanto, nesse momento posterior do culto o pastor Flávio afirmou que há uma classe de demônios que só saem com a entrega do dízimo,

ou seja, não adianta receber oração, imposição de mãos e passar debaixo do Manto dos Sinais ou ungir a casa com o lenço do rio Jordão se o fiel não tiver “um compromisso com Deus” na entrega do dízimo. A virada da vida da pessoa que consiste “da possessão do demônio para a presença com Deus” só acontece para os fiéis obedientes. Mais uma música para reforçar as mensagens dos pastores: eu nunca vi um justo desamparado. Eu nunca vi alguém que confiou em ti e não manifestar o seu poder. Então o pastor faz a oração para a entrega dos dízimos.

O culto caminha para o final e o pastor Flávio pede para irmãos da igreja comprar um livro e doar para os que não têm condições financeiras para comprar “Pode trazer 50 reais e leva cinco livros. Deus toca no coração dos empresários da igreja. Quem mais pode doar? O espírito santo está tocando para você doar os livros. Quantos livros a senhora vai doar? 5? Quem mais pode doar 20 livros?”

Ele pede para subirem a Mesa [da Verdade] e as ex feiticeiras. Ele justifica que elas são ex feiticeiras, ex macumbeiras, ex mães de santo ex filhas de santo. “Hoje elas são de Deus, quem entendeu? O pastor Saulo ele não foi bruxo. Ele esteve 20 anos na África desfazendo magia negra e vodu. Ele vai atender as pessoas também, complementa. Ele está vestido a caráter com roupas usadas por povos da África”. Sobre a Mesa da Verdade falarei na próxima parte.

A última oração do culto foi feita pelo bispo Fernando Luiz. “Ele é meu candidato a vereador e agora no fim do mês ele tem uma batalha pra vencer. Ele vai fazer a última oração para você e você vai orar pra ele todo dia¹⁵.” Termina o culto com música: receba o milagre receba a vitória.

A Mesa da Verdade

Logo quando entrei na Catedral da Fé pela primeira vez percebi que na frente do altar haviam várias pessoas, vestidas de branco sentados em mesas brancas conversando com fiéis. Próximo do início do culto as conversas se encerraram e as mesas começaram a ser recolhidas. Durante a Sessão do Descarrego o pastor Flávio dá um recado para os fiéis. Ele disse que todas as terças-feiras, uma hora antes e uma hora depois do culto, os fiéis poderiam desvendar os mistérios de sua vida na Mesa da Verdade. Na Mesa da Verdade, continua o pastor Flávio “trinta ex Bruxas e ex-Bruxos, que já serviram o demônio na casa dos espíritos, irão desvendar os mistérios”. Fiquei impressionado com o termo que o pastor Flávio utiliza

¹⁵ Uma oração gravada. O bispo Fernando Luiz do PSB foi reeleito vereador de Belo Horizonte em outubro de 2016.

para falar de pessoas que já foram da Umbanda e do Candomblé. Perguntei-me se esse termo não soaria ofensivo para essas pessoas que transitaram das religiões de matriz africana para uma igreja evangélica neopentecostal, nesse caso para a IURD. O pastor Flávio afirma que na Mesa da Verdade o fiel poderá entender os motivos dos infortúnios que estão arruinando sua vida. Em todos os cultos que assisti da Sessão do Descarrego o pastor Flávio afirmou para os fiéis que todos os males são causados pelos espíritos. Segundo o pastor Flávio as desgraças entram na vida do fiel por inveja, feitiço ou maldição de família (São consideradas Maldições de Família, aqueles infortúnios que acompanham uma mesma família e se repetem por várias gerações). Seja qual for a motivação, segundo o repertório da IURD, o que vai gerar o mal na vida do fiel será a ação de uma entidade da casa dos espíritos que entra na sua vida por uma das três razões citadas logo acima. A seguir cito alguns exemplos que ouvi dos pastores.

Se um marido trai a esposa, isso é resultado de um feitiço encomendado pela amante para amarrar o homem. Se uma pessoa tem alguma doença como um câncer, uma alergia se sofre de enxaqueca ou de depressão é porque um espírito maligno está agindo na mente ou no corpo dela. Se a vida profissional da pessoa não progride, se as vendas estão fracas um trabalho foi feito por alguém que tem inveja da vida financeira da pessoa. Não se consideram as possibilidades de o marido ter cometido adultério por vontade própria, de o câncer ter sido causado por tabagismo ou por exposição excessiva ao sol e da queda nas vendas ter ocorrido devido à recessão econômica.

A dinâmica da Mesa da Verdade funciona da seguinte maneira. Um fiel que não consegue entender porque algum problema persiste em continuar em sua vida como o acometimento de uma doença que os médicos não conseguem curar e que não tem causa aparente vai à Mesa da Verdade. Na Mesa da Verdade o fiel fala para a ex-bruxa sobre seu problema e ela então explica qual ritual foi feito para a doença surgir. O fiel recebe uma orientação e marca uma nova conversa para a próxima semana para falar com a ex-bruxa e receber mais aconselhamento ou mesmo contar seu testemunho sobre a cura.

Vejamos, se todos os males são causados pelos encostos e como as ex-bruxas já ‘serviram os demônios’ na casa dos espíritos, elas são as pessoas mais indicadas para desvendar os mistérios porque têm conhecimento das práticas dos rituais. Vale lembrar mais uma vez que a vinculação entre religiões afro-brasileiras e o demônio é feita pelos evangélicos.

O programa *Círculo dos Mistérios* produzido pela IURD e veiculado na TV aberta é protagonizado por um pastor da Sessão do Descarrego e alguns dos ex-bruxos e ex-bruxas. Também no programa todos vestem branco. Logo no início do programa é lido um mistério,

ou seja, um relato de um fiel sobre um problema pessoal. A seguir esse mistério é revelado pela ex-bruxa. Em um dos programas a ex-bruxa Vanuza fala sobre a dona Luzia, uma fiel que encontrou em seu terreiro uma língua de boi com agulhas. Um prato de barro com farofa, cerveja preta e pimenta. Logo depois disso o filho de dona Luzia entrou nos vícios, seu esposo foi embora e um neto foi assassinado. Dona Luzia entrou em contato com a IURD porque ela não está mais aguentando esse sofrimento e procura ajuda espiritual. A ex-bruxa Vanuza explica que este é um ritual na linha de satanismo e um ritual muito pesado, feito para trazer muitos atritos e destruir a vida da pessoa. Que teria sido entregue na pedreira para uma entidade de justiça, que busca a justiça pelas próprias mãos. Após essa fala o pastor faz a seguinte pergunta. A senhora como experiente do assunto, o que essa pessoa deve fazer para se livrar desse ritual? A ex-bruxa orienta a dona Luzia e, claro, a todos os telespectadores a irem à Sessão do Descarrego onde vai haver uma limpeza, uma quebra de maldição e ela vai poder ser feliz de verdade. Antes de terminar o programa o pastor informa àqueles que desejam desvendar um mistério liguem para os telefones que aparecem na tela.

O pastor Saulo também atende na Mesa da Verdade. Ele não é ex-bruxo, mas como viveu por vinte anos na África desfazendo magia negra e vodu ele também tem, segundo o pastor Flávio, a capacidade de desvendar os mistérios. Como falei anteriormente, durante a oração forte para o descarrego o pastor Saulo faz a oração em Zulu e, por vezes (quando não está vestido com roupas brancas) usa vestimentas de etnias africanas.

Em um dos programas de televisão produzidos pela IURD falou-se sobre a África. Segundo a versão da IURD, a África é continente mais pobre do mundo, onde a continuidade dos conflitos armados, o avanço das epidemias e o agravamento da miséria dificultam o seu desenvolvimento. Ao ser perguntado sobre essa situação na África o pastor Saulo fala que a miséria que ele viu em países da África (ele teria vivido em outros países) nunca tinha visto na mesma proporção que viu no Brasil. O pastor Saulo fala que na África do Sul, por exemplo, uma pessoa invejosa faz um círculo no chão e coloca o nome da pessoa invejada para que essa vida ande em círculos, não progrida. Segundo o pastor Saulo a condição de miséria no continente africano tem um fundo espiritual. Ele exemplifica com os casos de empresários bem sucedidos que perderam tudo. Ele afirma que a miséria e a falta de prosperidade em países da África estão ligadas a rituais que evocam o mal, não por questões de condições políticas e econômicas.

Muitas falas preconceituosas sobre a África, como essa, insistem em afirmar que existe uma maldição em África, que as causas dos problemas têm origem espiritual. Não deveria ser colocado o processo de colonização europeia, o roubo de suas riquezas, a

delimitação arbitrária de suas fronteiras no final do século XIX e o genocídio de muitos africanos pelas mãos dos europeus como um dos fatores para essa miséria? Não pretendo ser reducionista na minha análise sobre a situação de muitos países africanos (o Estado Nacional é uma invenção europeia, diga-se de passagem), mas não se podem ignorar esses fatos na história da África.

A IURD na Mídia

É sabido que a Rede Record canal de televisão aberto pertence a IURD desde a década de 1990. A maior parte da programação deste canal está voltada para o jornalismo e entretenimento, apesar de também haver horários na grade da emissora para programação religiosa, principalmente nas madrugadas. A IURD também aluga horários de outros canais, como Bandeirantes, Rede TV, CNT e Ideal TV para exibir seus programas. A igreja tem também uma TV online, a IURDTV que pode ser acessada pelo site www.iurdtv.com. Em Belo Horizonte os ouvintes podem ouvir os programas da Universal pela rádio Rede Aleluia 99.9FM. Nessas duas últimas mídias a programação é 100% voltada para a IURD. A igreja também distribui aos fiéis seu jornal de circulação semanal Folha Universal. Há uma versão online da Folha Universal disponível no portal da igreja na internet www.universal.org.

Para esse trabalho analisei o *Programa Mistério* transmitido, dentre outros horários e canais, de segunda a sexta-feira ao meio dia na Rede TV. Esse programa é o programa da Sessão do Descarrego e é apresentado pelo pastor titular dos cultos de terça-feira. Participam também os pastor Saulo e a dona Vânia “ex-bruxa que serviu as entidades na casa dos espíritos por vinte anos” segundo o pastor Felipe¹⁶.

Logo no início do Programa Mistérios aparecem imagens que muito se assemelham a um filme de exorcismo. Por vezes a tela da TV é dividida entre essas dramatizações o pastor Felipe. Diferente do pastor Flávio, que sempre usava roupas brancas, o pastor Felipe prefere a cor preta. Nesse caso, a dona Vânia e o pastor Saulo também mudaram a cor de suas roupas do branco para preto após a chegada do novo pastor titular. Durante toda a exibição do programa (que tem duração de trinta minutos) aparecem várias legendas. A primeira legenda

¹⁶ O pastor titular da Sessão do Descarrego, em 2017, é o pastor Felipe Santos. No momento em que escrevo esse texto o pastor Flávio Diniz está na IURD da cidade do Porto, em Portugal. A análise do Programa Mistério será com base na programação de 2017.

diz “Desvendando os Mistérios e os Segredos dos Rituais”. O pastor Felipe começa o programa falando para os telespectadores que a luz da santíssima trindade possa iluminar sua vida para quebrar todas as maldições da vida espiritual. O pastor fala que a vida espiritual é a coluna que sustenta todas as outras áreas. Segundo o pastor Felipe a pessoa não pode ser feliz no amor ou prosperar se a vida espiritual não estiver iluminada. Ele diz que quando a vida espiritual estiver fraca a inveja, o olho grande e as palavras de maldição terão acesso à vida da pessoa. Reiteradamente os pastores da Sessão do Descarrego afirmam que a vida espiritual é a base para a entrada dos infortúnios ou para uma vida na presença de Deus.

Muitas imagens audiovisuais da Sessão do Descarrego são transmitidas nesse programa como a oração em Zulu do pastor Saulo, a entrevista do pastor Felipe com os encostos (nesse caso o rosto das pessoas não é identificado) e as consultas das ex-bruxas(os) e ex-feiticeiras(os) aos fiéis na Mesa da Verdade. Uma legenda me chamou a atenção. Ela diz o seguinte “Você que precisa de libertação envie sua data de nascimento para o whatsapp 99319-1413”.

Dramatizações com atores são mostradas durante todo o programa. Aparecem também imagens que sugerem ser supostamente de rituais de religiões de matriz africana como velas e tigelas de barro. O pastor fala que a única pessoa que o mal não consegue tocar é aquela que está guardada pelo altíssimo e convida os telespectadores a comparecer na Sessão do Descarrego. São mostradas imagens da Tenda da Revelação para a quebra das maldições¹⁷ O pastor Felipe segura em suas mãos um pacote de sal. Ele orienta os fiéis a levar um pacote de sal para as reuniões “o pacote tem que tá fechado, aberto não vale” para que seja feita a limpeza espiritual. O sal é consagrado na igreja e em casa os fiéis levam o pacote em todos os cômodos da casa para expulsar os males. Pode inclusive colocar debaixo do travesseiro do filho viciado, afirma o pastor. São mostrados na TV testemunhos que os fiéis dão na Sessão do Descarrego sobre a mudança nas suas vidas após a oração do pacote de sal. Geralmente os testemunhos relatam a limpeza imediata na vida do fiel. É passada uma ideia de cura imediata,

¹⁷ Pelo que acompanhei cada pastor usa de um símbolo sagrado para realizar o Descarrego O pastor Flávio usou o Vale do Sal diante da Sombra do Onipotente, um grande tapete branco estendido no chão coberto com sal que os fiéis passavam durante a oração forte A Sombra do Onipotente era projetada pela sombra de uma cruz colocada em um dos lados logo à frente do altar. Para isso, as luzes da igreja eram apagadas. Posteriormente o pastor Flávio utilizou o Manto dos Sinais, um grande manto vermelho estendido pelos pastores e obreiros sobre a cabeça dos fiéis. Tanto o Vale do Sal e o Manto dos Sinais foram consagrados em Israel conforme dizia o pastor Flávio. Já a Tenda da Revelação para a quebra das maldições faz parte da estratégia do pastor Felipe. Durante a oração forte os fiéis passam por essa espécie de portal sagrado onde, segundo o pastor Felipe, passa o fiel, mas não passa a maldição. Em todas essas situações, os fiéis recebiam imposição de mãos dos pastores e, na maioria dos casos, era o momento da manifestação das entidades.

contanto que a pessoa cumpra as orientações do pastor como testemunha uma fiel “Eu fiz tudo que o senhor pediu [pastor]. Eu obedeci a tudo” ao falar do novo emprego do marido após ela levar o pacote de sal para casa.

O pastor conversa com a dona Vânia e a ex-bruxa fala dos trabalhos feitos na casa dos espíritos e como eles prejudicam a vida espiritual dos fiéis, conseqüentemente com desdobramentos na área material.

Daí a importância central dos pastores, obreiros e fiéis que transitam dos cultos afro-brasileiros para a Universal: eles representam a autoridade evidente do seu discurso. A própria fala de Edir Macedo, referência maior da Universal, nunca cessa, em suas declarações em livros, pregações ou em reportagens da imprensa, de alimentar-se da autoridade proveniente da sua situação de ‘ex-macumbeiro’ (REINHARDT, 2007 p. 70).

O pastor Felipe faz duas chamadas para os telespectadores “Venha conhecer a Mesa da Verdade onde especialistas irão desvendar seus mistérios. É uma consulta gratuita” Sobre o pacote de sal ele diz “Só leve o sal. Não há necessidade de levar carteira ou dinheiro”. Na TV os pastores da IURD salientam que a cura é gratuita, mas durante o culto eles são taxativos em falar para os fiéis a necessidade de serem dizimistas, ofertantes e de fazerem desafios de fé. Em todos os cultos que assisti são entregues envelopes para os fiéis fazerem um “compromisso com Deus”.

Para constatar essa estratégia dos pastores da IURD que dizem “Venha para a igreja que a cura é gratuita (TV) Pegue o envelope e faça um desafio com Deus (Culto)”, assisti a outro programa de TV produzido pela IURD chamado *Tratamento para a Cura dos Vícios*. Esse programa divulga o culto dos domingos para a libertação dos vícios do álcool, crack, cocaína dentre outros. Nesse culto o ritual de cura dos vícios ocorre pelo uso da “Fórmula da desintoxicação”. Trata-se de um suco de uva que após a oração do pastor “deixa de ser um suco de uva comum e passa a ser o sangue do cordeiro”. O pastor explica (inclusive mostra com imagens audiovisuais) que os viciados ou seus familiares devem levar para a reunião uma garrafinha com água. Logo na entrada o pastor coloca um pouco da “Fórmula da desintoxicação” na água dos fiéis. Ele enfatiza por mais de uma vez na TV “Essa fórmula é gratuita, você [fiel] recebe uma dose sem precisar pagar nada.” Essa é uma estratégia que parece ser bastante eficaz.

Onde estão as outras vozes?¹⁸

Após analisar a ofensiva neopentecostal da IURD, a fala dos Terreiros e os movimentos de resistência, procurei ouvir outras vozes sobre a diversidade religiosa e os conflitos gerados em decorrência dela. Para isso, conversei com pastor Leônidas Francisco da Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte. Procurei abordar vários aspectos da diversidade religiosa e ouvir do pastor Leônidas sua visão sobre a ofensiva evangélica contra religiões de matriz africana.

No começo da conversa pedi pastor Leônidas para falar o que ele pensa sobre a diversidade religiosa no Brasil e sobre os recentes casos de intolerância religiosa. O pastor Leônidas me disse que a intolerância nunca é bem vista, porque não podemos ver a pessoa através de um rótulo, através de um título. Cristo quando olha para uma pessoa ele não vê um título ele vê o ser humano.

Deus não trabalha com religião Deus trabalha com coração do homem, por isso não cabe intolerância, não cabe eu querer maltratar uma pessoa pelo fato dela não ter o mesmo pensamento que eu ou a mesma fé que eu. Não justifica. Eu penso que há uma desumanização hoje em nosso meio, que o ser humano não está valendo mais nada, o ser humano ficou descartável. Como alguém vai ser intolerante falando de um Deus que mandou seu filho para morrer pelas pessoas? Não é incoerente? Não bate. Temos que amar as pessoas, independente da religião que elas servem, da sua crença. Atrás dessa crença tem um ser humano e certamente Jesus morreu por ele também. Jesus não veio mostrar a intolerância (pastor Leônidas, 2017).

O pastor Leônidas procura mostrar que o foco do evangelho deve ser nas pessoas, não nas denominações. Ele também vê uma incoerência de atos que são praticados em nome de Deus. Nas linhas seguintes ele se posiciona sobre a diversidade religiosa e fala das possibilidades de uma convivência respeitosa.

Eu não sou obrigado a aceitar as coisas que você faz, mas você como pessoa eu te aceito.

Então a gente pode ter ideias e conceitos diferentes, mas como pessoa eu te aceito. Ficamos no

¹⁸ Essa pergunta me foi feita pelo professor Edgar Rodrigues Barbosa Neto durante minha apresentação oral na V Semana de Antropologia e Arqueologia 'Diálogos Interdisciplinares' da UFMG, realizada em setembro de 2016 nessa instituição. Agradeço ao professor Edgar e a minha orientadora, a professora Deborah de Magalhães Lima, por me incentivarem a incluir essa parte no texto.

campo das ideias e não vamos levar para o pessoal. O detalhe é quando a coisa se torna muito pessoal e se esquece de que se trata de um ser humano que tem valor tanto quanto você. No fundo todo mundo vai para o mesmo lugar, todo mundo vira pó e fim de papo, entendeu? A intolerância ela não tem nenhuma fundamentação bíblica. A Bíblia diz Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna (João 3, 16) Ele não disse: para todo aquele que tem a religião X (pastor Leônidas, 2017).

Marcelo: a bíblia ensina que o evangelho de Jesus deve ser anunciado, mas há pessoas que não escolheram o evangelho. Algumas pessoas evangélicas tentam forçar a conversão, apedrejam templos de outras denominações L: não faz sentido. O Evangelho é um evangelho de amor. Primeiramente se tem que ganhar o direito de ser ouvido, então se fala a palavra. Não é para falar de doutrina, de religião. Leve as boas novas, é só isso. Primeiro que homem não convence homem. Então devo ir e pregar a palavra e deixa o resto que o Espírito Santo vai fazer. Porque às vezes as pessoas querem tomar o lugar de Deus. Essa coisa do imediatismo também é uma coisa que atrapalha muito.

M: muitas pessoas de outras denominações se sentem desrespeitadas porque às vezes se sentem invadidas por outras denominações. Quais seriam os caminhos para levar essa mensagem, mas com respeito a outras denominações? L: a primeira coisa que nós deveríamos pensar e não tocar em religião. Precisamos conversar das coisas da vida falar de paz falar de vida eterna falar de esperança essas coisas só Deus pode dar.

Comento com o pastor sobre os casos de violência contra Terreiros no Rio de Janeiro em que praticantes de religiões de matriz africana estão sendo expulsos das comunidades

Aquele negócio ali é um negócio complicado. Eles [os agressores] até usaram o nome de Jesus, mas aí é complicado. Jesus não entraria e faria aquilo não. Jesus sempre falava com autoridade e deixava as pessoas pensando, deixava as pessoas pensarem a respeito da vida. Não adianta quebrar, derrubar a casa toda, derrubar lá os símbolos se os símbolos estão no coração. As pessoas não entendem, ficam muito no externo. Não adianta nada derrubar ou queimar todos aqueles símbolos. M: desrespeitaram aquelas pessoas, invadiram. L: realmente foi muito invasivo, desrespeitoso foi desumano aquilo. M: é possível haver uma convivência respeitosa mesmo havendo diferenças de pensamento? L: sim, claro. O respeito cabe em todo lugar. O fato de você não professar a mesma fé que eu não impede nós sentarmos e conversarmos como seres humanos e tomar um café. Aquilo que eu falei. Vamos bater um

papo sobre as coisas da vida. O que as pessoas mais fazem hoje em dia é conversar sobre as coisas da vida e por que não conversar e traçar um caminho. Ter um papo agradável e respeitoso a respeito da vida não faz mal para ninguém. Não vale a pena discutir religião, mas as coisas da vida vale a pena discutir. Você vai apresentar a sua ideia eu apresento a minha e a gente continua sendo amigo assim mesmo. Eu entendo que você tem mais valor que uma religião. M: são manifestações de ódio religioso que temos visto. L: a bíblia fala aquele que não ama não conhece a Deus porque Deus é amor. Interessante que Deus colocou alguns sentimentos em nós. É para usar esses sentimentos contra o pecado e não contra as pessoas e a gente misturou. Ele colocou a ira dentro de nós para irmos contra o quê? Contra injustiça, não contra as pessoas. A ira contra injustiça te mobilizar fazer as coisas acontecerem, entendeu? É para irar com os demônios não com outras pessoas. Deus falou nossa luta não é contra carne nem sangue.

Na fala seguir o pastor Leônidas expõe uma visão diferente dos pastores da IURD em relação aos problemas infortúnios da vida.

Não estou dizendo que tudo é demônio, claro que não. Somos um ser humano integral: corpo, alma e espírito. O que cabe no campo espiritual se resolve com armas espirituais o que está dentro do campo emocional se resolve dentro do campo nacional o que está dentro do físico se resolve dentro do campo físico então a gente tem que discernir em qual área e como resolver. Tem gente que acha que tudo é demônio. Não. Isso aqui é questão de caráter isso aqui não é demônio não. Isso aqui é caráter então você vai responder por isso, entende? Se não fica tudo fácil jogar tudo para o demônio. Está com colesterol alto, isso é demônio? Não é não, meu amigo. Vai fazer uma academia, para de comer picanha com gordura que se resolve. M: algumas pessoas costumam ter esse discurso de ódio, costumam colocar todos os males e todos os infortúnios da pessoa em uma denominação em certo grupo de pessoas. L: não. não é mesmo. Nós não podemos ficar nessa visão terrena porque senão nós vamos bater nas pessoas, espancar pessoas e odiar pessoas. A bíblia fala quando você odeia seu irmão você entra na classe de assassinos. O ódio não cabe dentro do evangelho.

Um dos principais problemas causados pelo ódio religioso diz respeito à igualdade de direitos. Direito de se apropriar da cidade para expressar a diversidade.

M: quando eu pensei nessa pesquisa eu estava estudando sobre o direito à cidade. Parece que algumas pessoas têm mais direito do que outras. Alguns grupos têm mais direito à cidade do

que outros. Independente da denominação, independente da escolha da pessoa, ela teria o mesmo direito de existir, de professar a sua fé, mesmo que seja uma fé diferente da igreja evangélica. Eu vejo que é um movimento para acuar as pessoas, apagar as pessoas, invisibilizar, para silenciar as pessoas que têm outras denominações. L: isso não faz sentido. Ser sal da terra e ser luz não é para silenciar, é para transformar. Quando se tenta apagar as pessoas e as silenciar não faz sentido. A bíblia não chamou para silenciar, ela chamou para transformar. O evangelho ele é inclusivo ele não é exclusivo. Não cabe eu ter mais direito.

Procuro ouvir do pastor sua opinião sobre o racismo religioso contra as expressões culturais vindas da África e ressignificadas no Brasil.

M: eu já ouvi muitas pessoas, até no âmbito nacional, falarem que há uma maldição que veio da África, inclusive que há uma maldição na África. L: rapaz isso é um negócio complicado. Você fala de maldição da África. Porque não se fala de uma maldição de um português? Porque não fala de uma maldição de uma Espanha? Porque então fechar tão somente numa África? Tem algumas coisas que são faladas eu acho que é muita falta de conhecimento.

Uma das principais características das igrejas evangélicas diz respeito ao proselitismo. A noção de um único caminho, uma só verdade. Essa idealização leva muitos agressores a se sentirem no direito de agir em nome de Deus.

M: outras denominações têm suas próprias noções de verdade e que às vezes não vão ser as mesmas da bíblia. L: mas tem muita gente também que prega a palavra de Deus distorcida. Quando há um conhecimento profundo não tem como entrar em discussão. Têm pessoas que falam muita coisa sem base. M: eu sei que Jesus Cristo é a verdade para o senhor, mas para outras pessoas há outras verdades. Como conviver com essas diferentes verdades? Algumas pessoas querem impor as suas verdades às outras. L: a gente tem dois extremos: o relativismo e a Bíblia. O que o mundo hoje está querendo trabalhar é questão de quebrar o absolutismo. Existe a única verdade e ponto final. Agora essa relativização da Verdade é uma forma de tirar o foco da verdadeira verdade. Então a regra é a mesma: falar a verdade o resto deixa com Deus porque a pessoa é um canal para levar a verdade. Se quem ouvir vai aceitar, não é problema nosso. O duro é querer levar a verdade abrindo a cabeça, goela abaixo. Quando se começa a bater um papo saudável é muito interessante, mas o problema é quando se leva o pessoal. M: algumas pessoas em nome de uma verdade acabam tomando algumas atitudes que chegam até à violência física. L: a bíblia diz ‘Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, Senhor Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não

realizamos muitos milagres? Então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade' (Mateus 7, 22:23).

O pastor Leônidas é enfático sobre a verdade do evangelho que ele professa, não reconhecendo outras cosmovisões como sendo igualmente autênticas, mas ele procura passar uma palavra de amor ao próximo ao invés de disseminar o ódio.

RACISMO RELIGIOSO DENTRO DA ESCOLA

O Brasil é um Estado laico e essa laicidade deveria abranger todas as instituições governamentais, mas muitos espaços públicos ostentam símbolos sagrados. A Câmara dos Deputados, em Brasília, e a Câmara Municipal de Belo Horizonte, por exemplo, têm a Cruz Cristã afixada em suas paredes. Em todas as esferas do legislativo brasileiro existem grupos de parlamentares cristãos que formam as chamadas bancadas evangélicas. Uma das propostas apoiadas pela bancada evangélica para a educação é o projeto Escola sem Partido. Esse projeto pretende proibir professores de abordar temas ligados a diversidade e pluralidade do Brasil e de seus habitantes. Mas, por outro lado, visa a privilegiar o ensino baseado em valores cristãos como a noção da família configurada por um casal heterossexual e seus filhos.

Há alguns anos trabalho como professor de história em escolas estaduais de ensino médio. A escola em que leciono atualmente é um exemplo da divergência entre a legislação que garante o estado laico e a prática, onde símbolos da crença dominante se fazem presentes. Na secretaria de alunos há uma imagem de Nossa Senhora afixada na parede e na biblioteca da escola há uma bíblia em cima de um armário localizado bem na entrada. Espaços que deveriam ser laicos reproduzindo valores hegemônicos.

A LEI Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, publicada pela presidência da república tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de educação básica, que inclui a História da África e dos Africanos, a luta do negro no Brasil e a contribuição do Negro na formação da sociedade nacional, além de instituir o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. Um dos objetivos dessa Lei é o de valorizar os grupos historicamente excluídos e marginalizados e combater o racismo e a intolerância religiosa. Entretanto, percebo que há ainda muita resistência de profissionais de educação em abordar esses temas em sala de aula por, muitas vezes, confundirem seus papéis de educadores com suas convicções de foro pessoal. O tema de redação do Exame Nacional

do Ensino Médio (ENEM) de 2016 foi “Caminhos para combater a intolerância religiosa” e o tema do ENEM prisional do mesmo ano foi “Caminhos para combater o racismo”. Isso mostra uma preocupação do Ministério da Educação em enfrentar esses problemas. Mas outro dado divulgado pelo MEC revela que ainda há muito que se fazer para romper com o racismo religioso no país. Das mais de cinco milhões de redações sobre a intolerância religiosa, apenas 77 redações obtiveram nota mil. Isso, a meu ver, evidencia uma dificuldade de milhões de pessoas em lidar com o ódio contra religiões historicamente perseguidas.

Para tentar identificar as percepções de alunos com os quais eu convivo sobre o racismo religioso e o ambiente escolar, apliquei um questionário para cem alunos do 2º e 3º anos do ensino médio, com faixa etária entre 16 e 17 anos. Esse questionário foi elaborado juntamente com minha orientadora,, a professora Deborah Lima. Houve permissão da direção da escola para sua aplicação e consentimento dos estudantes participantes da pesquisa. Foram feitas oito perguntas e não houve identificação nem da escola nem do nome dos alunos.

A primeira pergunta procurou saber sobre a diversidade religiosa na escola. Apurou-se que 57% dos pesquisados se dizem evangélicos, 26% se declararam católicos, ou seja, 83% de cristãos, 14% são ateus ou não tem religião, 1% é espírita, 1% é Testemunho de Jeová e 1% é Adventista. Não apareceram adeptos de religiões de matriz africana como umbanda e candomblé entre os pesquisados. É importante ressaltar que trabalho com mais de 330 alunos nessa escola, então mais de dois terços dos estudantes não participaram dessa pesquisa.

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Você já sofreu preconceito religioso?	27%	73%
Você já sofreu algum caso de preconceito religioso dentro da escola?	15%	85%
Você já presenciou algum caso de preconceito religioso dentro da escola?	59%	41%
Você já veio para a escola com algum símbolo de sua religião?	35%	65%
Você tem algum receio de falar abertamente sobre sua religião?	12%	88%
A escola contribui de alguma forma para combater o preconceito religioso?	20%	80%

A segunda pergunta foi “Você já sofreu preconceito religioso?” Um total de 27% respondeu (sim) e os demais 73% responderam (não). A terceira pergunta foi “Você já sofreu preconceito religioso dentro da escola?” Foram 15% (sim) e 85% (não). A pergunta seguinte foi “Você já presenciou algum caso de preconceito religioso dentro da escola?” Tivemos 59% (sim) e 41% (não). A quinta pergunta foi “Você já veio para a escola com algum símbolo de sua religião?” 35% responderam que (sim) e outros 65% (não). A próxima foi “Você tem algum receio de falar abertamente sobre sua religião?” Foram 12% (sim) e 88% (não). A sétima pergunta quis saber “A escola contribui de alguma forma para combater o preconceito religioso?” Apenas 20% responderam (sim) e 80% disseram que (não).

Chamo a atenção para a quarta e sétima perguntas. Na quarta, 59% dos alunos disseram já ter presenciado um caso de preconceito dentro da escola, um salto em relação à terceira pergunta. Uma nova pesquisa poderia ter buscado entender o que os alunos entendem como atos de intolerância religiosa e quais teriam sido esses casos presenciados. Poderia perguntar também como se sentem com a presença da imagem de Nossa Senhora na secretaria numa instituição que deveria ser laica em todos os aspectos. As respostas para sétima pergunta foram bastante perturbadoras, pois para 80% dos alunos a escola tem falhado em combater o racismo religioso, seja dentro ou fora de seus muros. Há uma evidente desarmonia entre a legislação educacional e a percepção dos estudantes sobre o alcance dos princípios escolares, ou seja, educar para a diversidade, autonomia e respeito.

A última pergunta foi aberta e de resposta opcional “O que a escola poderia ou deveria fazer para combater a intolerância religiosa?” Muitos não responderam, mas outros se posicionaram. Reproduzo aqui algumas respostas

“Conversar mais abertamente sobre o assunto, sem medo e sem alterar palavras”.

“Deveria fazer rodas de conversa sobre esse e outros vários assuntos”.

“Falar abertamente sobre todas elas. Incentivar o conhecimento delas para os outros, e não deixar que ocorra o preconceito”.

“Criando possibilidades de um conhecimento mais aberto e abrangente a todas as religiões”.

“Falar mais sobre o assunto, pois a maioria das pessoas que julgam é porque não conhecem”.

Muitas respostas falaram sobre a necessidade de palestras, debates, roda de conversas, ampliação do conhecimento sobre outras religiões, outras relacionaram o respeito à educação familiar e algumas disseram que não deveria haver esse debate dentro da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho me permitiu entender que as religiões de matriz africana ainda são alvo do racismo religioso, praticado por parte das religiões hegemônicas, principalmente as neopentecostais, são muitas vezes negligenciadas pelo poder público que, pelo despreparo ou intencionalidade, muitas vezes apaga os crimes sofridos por adeptos da umbanda e o candomblé no cotidiano. Entendo que a relação entre o Estado brasileiro e as religiões historicamente perseguidas se faz por um jogo de espelhos. Mas um jogo de espelhos sutil. O Estado faz um jogo de espelhos com (muitos) pontos cegos, ou seja, suas leis sobre o respeito à diversidade projetam para a sociedade sua imagem como a de um Estado laico e igualitário, mas a maneira como esse mesmo Estado é experimentado pelos seus cidadãos faz com que os direitos das minorias fiquem escondidos e obstados. Esses direitos existem na medida em que deixam de aparecer.

Uma vez uma aluna escreveu que “A educação e o conhecimento devem quebrar a ignorância” Mas, pelo ponto de vista dos adolescentes, a escola tem falhado como instituição que, além de outras coisas, deveria promover o igualitarismo entre as pessoas.

BIBLIOGRAFIA

CORRÊA, M. As Ilusões da Liberdade: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. Bragança Paulista. EDUSF, 2000

FRIGEIRO, Alejandro. Exportando Guerras Religiosas: As Respostas dos Umbandistas à Igreja Universal do Reino de Deus na Argentina e no Uruguai In: SILVA, Vagner Gonçalves Da. Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007. pp 71-117.

FOUCAULT, Michel. A Verdade e as formas jurídicas. Nau Editora. Rio de Janeiro, 2002.

HABERMAS, Jurgen. Entre Naturalismo e Religião: Estudos Filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

ORO, Ari Pedro. Intolerância Religiosa Iurdiana e Reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves Da. Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007. pp. 29-69.

QUEIROZ, M.I.P. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Ver. Social USP, S. Paulo, 1(1): 29-46. Sem. 1989.

REINHARDT, Bruno M. N. Espelho ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador. São Paulo: Attar, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. O Antropólogo e sua magia. São Paulo. Edusp, 2000

_____ 2005. Candomblé e Umbanda – caminhos da devoção brasileira. Editora Selo Negro. São Paulo.

_____ Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 150-175. Setembro/novembro 2005.

_____ 2007. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. Mana 13(1): 202-236.

_____ 2007. Prefácio ou Notícias de uma Guerra Nada Particular os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In: Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. Edusp, São Paulo.

SOARES, Mariza de Carvalho. “Guerra Santa no País do Sincretismo” In: Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil. Cadernos do ISER, 23:75-104.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.